

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Série de 12 números, pagamento adiantado, 6\$00

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACTORIAL

HUGO ROCHA

J. MIMOSO MOREIRA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

▼ (TELEFONE 89) ▼

Composta e impressa na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto



# ULTRAMAR

ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

## A Fachada do Palácio das Colónias



onde está instalada a I Exposição Colonial Portuguesa



# Grande Casino de Espinho

## Saison de tourisme et des jeux

Ouvert du 1 Juin jusque 30 Novem-  
bre des 15 à 4 heures du matin

Les plus modernes et luxueuses  
installations. Magnifique et exquise  
service permanent de Bar et Res-  
taurant.—Dancing.—Orchetre-  
Jazz. Decorations de Venancio  
Nascimento & Filhos.  
Espinho-Plage est situé près de  
Porto—18 kilometres—et servie par  
chemin de fer et des auto-cars.

## Zona de Jôgo e Turismo

Aberto de 1 de Junho a 30  
de Novembro  
das 15 às 4 horas da manhã

As mais modernas e luxuosas  
instalações. Magnifico serviço  
permanente de Restaurante  
e Bar.—Dancing.—Orchestra-  
-Jazz. Decorações de Venâncio  
Nascimento & Filhos.  
Espinho, que se encontra situado a  
18 quilómetros do Pôrto, está admi-  
ravelmente servido por um grande  
número de combóios e «auto-cars».

## Zona de Juego y Turismo

Abierto de 1 de Junio a  
30 de Noviembre de 3 da  
tarde a 4 de la mañana

Las más modernas y lujosas ins-  
talaciones. Magnifico servicio  
permanente de Restaurant y  
Bar.—Dancing.—Orchestra-  
Jazz. Decoraciones de Venancio  
Nascimento & Filhos.  
Espinho, hermosa playa, queda a 18  
kilometros de la importante ciudad  
de Oporto y está admiravelmente  
servida por esplendidas carreras de  
autocars y ferro-carril.

# FÁBRICA DA AREOSA

AZEVEDO, SOARES & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>

Fiação, Tecelagem, Tinturaria, Acabamentos de Tecidos de Algodão e mistos com sêda

Feira de Amostras do Estoril, 1929 — Medalha de Ouro

Exposição Ibero-Americana de Sevilha, 1929-1930 — Diplomas de Honra

Exposição Colonial Internacional de Paris, 1931 — Grand-Prix e Medalha de Ouro

Grande Exposição Industrial Portuguesa de Lisboa, 1932-1933 — Grande Prémio de Honra

Fabrico especializado nos seguintes artigos: **Merinos — Gabardines — Kakis — Zanelas —  
Tafetás — Sarjas — Setins para Forros — Flanelas — Tecidos Coloniais.**

## CORES ABSOLUTAMENTE FIRMES

Os tecidos da FÁBRICA DA AREOSA, cuidadosamente fabricados com  
matérias primas de primeira qualidade e com larga percentagem de algodão  
produzido nas nossas Províncias Ultramarinas, dão aos seus consumidores  
a garantia de uma longa duração.

Preferindo nas vossas compras estes tecidos, economizareis largamente  
o vosso dinheiro.



## Propaganda Colonial para todos

Uma exposição diferente das outras — foi o lema adoptado na organização e montagem da Exposição Colonial que vai ser inaugurada. Como esse objectivo se cotejava, vão verificar agora os seus visitantes, mesmo aqueles a quem foi dado observar as nossas representações nos certames internacionais onde Portugal deu o seu concurso.

Nova composição técnica e a maior parada de elementos que até hoje foi dado retinir sobre as colónias portuguesas. Todos os processos adoptados em celebrações desta natureza, feitos por artistas portugueses. Exposição clara, por vezes ingénua, para compreensão do grande público, dos visitantes de todas as classes sociais ou grans de cultura.

Tratando-se dum *certame nacional*, feito com dotações limitadas, será cruel estabelecer comparações com as grandes exposições realizadas no Estrangeiro, cujos organizadores dispuseram de recursos mais latos e do auxilio poderoso dos concorrentes internacionais. Mas como certame de carácter interno marcará, certamente, um lugar e uma etapa progressiva, mostrando a conveniência do processo adoptado.

Mais do que os discursos, as conferências, os artigos dos jornais, a exposição falará à alma do Povo, esclarecendo (mesmo os analfabetos) como um grande filme, quanto aos portugueses foi dado fazer no Império após o ferrete do *ultimatum*, despertadas



A' esquerda — Doutor Oliveira Salazar, Presidente do Conselho e Ministro das Finanças. Ao centro — S. Ex.º o Senhor Presidente da Republica, General Oscar Carmona, sob cujo patrocínio se inaugura a I Exposição Colonial Portuguesa. A' direita — Doutor Armindo Monteiro, Ministro das Colónias.

A palavra **IMPERIO** não é uma palavra nova para os portugueses — é apenas uma palavra reembaçada. Já appareceu nos *Lusitadas* há quatro centenas de anos e ainda no século passado foi generosamente ensaiada

muito saliente sobretudo depois da Grande Guerra — ao mesmo tempo que produziam o desespero ou o desánimo e suscitavam o pessimismo natural da nossa gente, orientavam, automaticamente, para as soluções his-

## O Padrão de Diogo Cão

Vai proceder-se à inauguração da I Exposição Colonial Portuguesa.

Esta frase tão simples constitue um conhecimento da mais alta transcendência para o futuro de Portugal pelas repercussões, palpáveis umas, imponderáveis outras, que o facto em si encerra.

Ao observarmos no local do Palácio das Colónias a azáfama dos últimos preparativos para patentear à admiração do publico não só um pouco do que fomos, mas também daquilo que seremos capazes de realizar em matéria de acção e politica ultramarina, em dois pensamentos se fixou o nosso espirito critico.

O primeiro (consiste nisto): — há 6 anos apenas era o «Império Colonial Português» uma expressão grandiloqua que chocava a modestia do nosso froxo nacionalismo! Já uma profunda transformação da nossa mentalidade colectiva se operou. A noção de que somos, real e efectivamente, uma das grandes potências Coloniais vai-se arraigando nas diversas camadas sociais, e não tardará o momento em que a nação inteira se aperceba do valor da missão que ainda nos está reservada no conceito das Nações, e das pesadas obrigações morais e materias que tal facto implica.

O outro pensamento é de natureza retrospectiva. Concentra-se na veneração patriótica dum pequeno objecto patente na Exposição Colonial, e que em si condensa toda a sua razão de ser.

«A I Exposição Colonial, a realizar no Pôrto, cujo fim é apresentar ao mundo o resultado do trabalho colonizador português até à data, demonstrará, da maneira mais inofensiva, o grande valor de Portugal como país colonizador e a magnifica forma como soube aproveitar o seu vasto patrimonio ultramarino.»

A. LONDON,  
Encarregado interino da Legação  
Real dos Países-Baixos.

I am much interested to hear your special number on the occasion of the opening of the Colonial Exhibition at Oporto. I wish you all success in your enterprise, and I am confident that the Exhibition will bring home to the people of Portugal the magnitude of their possessions overseas, and will contribute to the development and the enrichment of the Portuguese Colonial Empire.

CLAUD RUSSEL,  
Embaixador de S. M. Britânica em Lisboa.

que foram as suas qualidades adormecidas pelo romantismo dissolvente do ultimo quartel do século passado.

Uma grande manifestação da República se lhe poderá chamar, ou de *esta nacional* a que preside um grande critério de justiça e todos os pioneiros da colonização portuguesa.

MIMOSO MOREIRA.

## A Exposição Colonial

A I Exposição Colonial Portuguesa constitue uma admirável e victoriosa afirmação de vitalidade, de orientação progressiva e de grande patriotismo por parte das Corporações Económicas da praça do Pôrto, a quem pertence a iniciativa e a quem se deve, em grande parte, o belo êxito obtido.

Como presidente da mais antiga dessas Corporações, a velha Associação Commercial do Pôrto, que desde 1834 representou, com perfeita dignidade e com a maior nobreza de intenções, os interesses do comércio do norte de Portugal, tenho uma grande satisfação em assistir à realização triunfante do que muitos supunham ser um sonho e que se transformou, graças aos esforços dos portugueses e ao patriótico auxilio do Governo, numa realidade de grande significado nacional, com a mais proveitosa repercussão

por Sá da Bandeira. Caiu muitas vezes em completo desuso e esquecimento — e parecia querer renascer sempre que as crises graves

tóricas, naturais, as nossas aspirações colectivas de ressurgimento.

E por isso, quando há uns anos a pala-

va Império voltou a ser pronunciada, ela foi bem aceite e pareceu corresponder, de facto, ao sentimento, ainda vago, que tinha

Andamos empenhados na construção de um Estado-novo, a erguer vitoriosamente sobre as ruínas do passado. Dêle precisamos para dar ao país a unidade de comando e de acção que lhe tem faltado. Mas para além do Estado-novo, fica o Império. Se aquele não fôr o instrumento d'êste — pouco será. Estão no Ultramar os objectivos permanentes de toda a politica nacional. O sentimento colonial, quasi tão fortemente como o da independência, deve enlaçar em sentir comum todos os portugueses. Europeus voltados para o Ultramar é o que temos de ser se no mundo quisermos ocupar lugar digno: para lá do equador estão a força e a grandeza da Pátria.

Armindo Monteiro,  
Ministro das Colónias.

da Nação inspiravam sentimentos fortes de reconstrução a alguns idealistas que viam claro nos destinos de Portugal.

Encontraram a pronunciada, dum dia para o outro, e tão insensivelmente como se ela fôra palavra de sempre, habitual. Creemos até que nesse Portugal distante ela tem sido melhor compreendida do que na Metrópole.

Excelentíssimo Senhor Director do Jornal o ULTRAMAR Órgão da I Exposição Colonial Portuguesa.

Vejo com muita simpatia a iniciativa do número especial do jornal o ULTRAMAR, comemorativo da abertura da I Exposição Colonial Portuguesa.

E-me grato recordar-lhe que as vastas e florescentes colónias portuguesas, testemunho vivo da vossa obra civilizadora, inspiraram o meu primeiro acto official nesta República. Elas constituiram, de facto, a substância do meu discurso de entrega de Credenciais ao Senhor Presidente da República.

Repetindo-lhe, pois, os sentimentos expressos em tal discurso, formulo de todo o coração os melhores votos pelo êxito da referida Exposição, expressão do espirito colonial e civilizador d'êste magnifico país.

P. CIRIACI, NÚNCIO APOSTÓLICO.

sob o ponto de vista da situação internacional do nosso país.

ANTÓNIO DE OLIVEIRA CALEM,  
Presidente da Comissão Organizadora.

Há alguns anos voltou a ser pronunciada — primeiro com timidez, logo a seguir desbarbaadamente.

Por um lado as crises politicas successivas, depois a crise económica — a primeira desencadeada por alturas de 1820, a segunda

como certo encerrar-se no seu significado o programa politico e económico que mais vinha a Portugal — que era digno de Portugal.

E facto notável: Não foi só na Metrópole — cabeça do Império — que a palavra teve acolhimento. Também as Colónias se

L'Exposition Coloniale qui doit s'ouvrir prochainement à Porto attestera, aux yeux des visiteurs étrangers, l'immensité de l'oeuvre matérielle et morale poursuivie par le Portugal dans ses territoires d'outremer. Il appartenait à la noble cité du Douro, ville natale du grand Infant D. Henrique, le Navigateur, de servir de cadre prestigieux à la reconstitution de l'effort héroïque accompli sur tous les points du globe par les valeureux fils de la Lusitanie, qu'ils soient marins, soldats ou administrateurs. Parce qu'il a été la première Nation à s'acheminer dans la voie de l'expansion extra-européenne, le Portugal occupe dans la communauté des Puissances coloniales une place privilégiée et la France, pleinement consciente de la solidarité d'intérêts et d'obligations qui la lie, sur le continent africain, à ce généreux Pays, se plaît à reconnaître la prédominance morale qu'exerce, en matière coloniale, la glorieuse Patrie de Vasco da Gama et de Camões demeurée inébranlablement fidèle à travers toutes les étapes de sa longue histoire à sa mission de civilisation et de progrès.

Le Ministre de France,  
G. JESSE-CURELY.

A característica essencial de hoje é esta: *será na ordem económica, e só nela, que podem encontrar esteio sólido e acévitado a unidade moral e espiritual da Nação.*

HENRIQUE GALVÃO.



## A Exposição Colonial e a propaganda na Galiza

Demonstrações de carinho e apreço endereçadas a Henrique Galvão — Instalação de um Pavilhão de Turismo Galego

Continua o certame a merecer, na Galiza, as mais vivas simpatias e palpitante interesse que, dia a dia, se traduzem em gratas manifestações, observados não só nas entidades oficiais de Vigo, Corunha, Santiago, Orense e outros centros de notável importância, como na nobre Imprensa e afectuosas populações.

Recentemente, o sr. capitão Henrique Galvão, sua esposa e cunhada e o «régulo» da Guiné, Mamadu-Sissé, foram recebidos em Vigo e na Corunha com as mais expressivas demonstrações de carinho, entusiasmo e de franca simpatia, que extremamente os sensibilizou. Gratas recordações, inolvidáveis impressões trouxeram o sr. capitão Galvão e as pessoas que o acompanharam na visita, que, num ambiente de cordialidade, fizeram as acolhedoras e nobres cidades de Vigo e Corunha.

O sr. director da Exposição desejando corresponder às penhorantes amabilidades do bom Povo do Norte da Espanha demonstradas para com a Exposição consentiu, excepcionalmente, que no recinto do certame seja colocado um Pavilhão de Turismo Galego.

## O certame -- lição de civismo

Se a simpatia e a saúde profundas que trouxe da viagem à África Portuguesa tivessem, porventura, diminuído com o decorrer do tempo e com o ambiente material da actual época, — a realização da 1.ª Exposição Colonial seria motivo suficientemente forte para reanimar esse culto de sentimento e carinho que devotadamente sinto pelas Colónias.

Agora que a Exposição é um facto, transformado em consoladora realidade, contemplá-la em todos os detalhes do seu esclarecido e nobre panorama é adquirir não só uma grande lição de civismo como obter a certeza que não desprezamos o nosso Patrioísmo e até o procuramos, instantemente, fazer progredir.

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

## Quando subir, no mastro, a Bandeira das Descobertas...

No relógio dos grandes eventos nacionais estão dando horas.

O relógio é antigo. Há, quasi, dez séculos que se acerta por ele a vida magnífica da Nação. Só uma vez parou. E esteve, assim, sessenta anos... Depois, com uns breves, uns insignificantes atrasos, continuou a trabalhar.

E tem trabalhado, sempre. E nunca mais parou. Ritmo certo, geralmente. A's vezes, *sforza*. Outras, *smorza*.

Mas, o Mundo, que tem relógios mais modernos, de fábrica mais sumptuosa, para seu uso, repara, muitas

Pela primeira vez, na História, Portugal se concentra em Portugal.

O Império foi enorme. Ainda é vasto, hoje. Ainda é dos maiores.

Portugal, pela espada, pela cruz, pela pena, pela enxada, andou, décadas seguidas, a criá-lo, a firmá-lo, através do planeta.

Foi Portugal que saiu, que partiu, com a sua bagagem de sonho, para a viagem aventureira que havia de immortalizar-lhe o nome.

Brilhou o mais que é possível brilhar. Sofreu o mais que é possível sofrer.

### CONCOURS INTERNATIONAL DE TIR DE LA PREMIÈRE EXPOSITION COLONIALE PORTUGAISE

Organisé par la Société de Tir No. 43, de Pôrto, sous la haute protection des Direction de la Première Exposition Coloniale Portugaise et de la Fédération de Tir Nationale Portugais, à effectuer dans la ville de Porto, à partir du 26 Août jusqu'au 2 Septembre 1934 et auquel pourront prendre part les équipes des nations coloniales Européennes: Angleterre, Belgique, Danmark, Espagne, France, Hollande, Italie et Portugal.

CHAMPS DE TIR DE SERRA DO PILAR

SECRETARIAT — RUA DO CLUB FLUVIAL PORTUENSE No. 13  
PORTO - PORTUGAL

ADRESS TELEG — ANDRESEN - PORTO

PRIX: COUPES, OBJETS D'ART, MÉDAILLES  
D'OR, D'ARGENT, DE BRONZE ET DE VERMEIL.

vezes, no velho relógio. E confessa, surpresa, num sincero respeito: *Maravilhoso!*

Vai abrir a I Exposição Colonial Portuguesa. Eis porque o relógio de Portugal dá horas, horas cujo som chega a todo o Mundo.

O acontecimento é dos maiores. Pelo seu aspecto. Pela sua significação. Pela sua própria grandeza.

Dentro do seu género, é, até, o primeiro. Razão, portanto, para que o relógio de quasi mil anos dê horas com um som mais forte.

Não sucumbiu porque uma alma de gigante lhe animava o corpo de pigmeu. Mas, o sangue que deixou nas cinco partes do mundo, pesado tributo da sua aventura, foi dar vida a outras terras, prolongamentos da terra portuguesa, filhas, portanto, da terra de Portugal.

Ao cabo de séculos, as terras de além-do-mar mandam embaixadas à terra donde partiram os que as descobriram ou conquistaram.

O Pôrto, que deu nome a Portugal, recebe as embaixadas. Agasalha-as. Acarinha-as. E' toda a terra metropolitana que faz do Pôrto a

síntese da sua ternura, do seu entusiasmo, da sua vibração patriótica.

Gente de Cabo Verde, da Guiné, de S. Tomé e Príncipe, de Angola e de Moçambique. Gente da Índia. Gente de Macau. Gente de Timor. Negros. Mulatos. Amarelos. Pardos. Todas as raças. Portugueses de todas as cores. Emfim, o mundo português. Relíquia do Portugal antigo. Honra do Portugal moderno.

Abre, hoje, as portas a I Exposição Colonial Portuguesa.

Faz-se, pela primeira vez, na Metrópole, por assim dizer, o congresso etnográfico do Império português. Ao mesmo tempo, a vida desse Império, nos seus vários aspectos, em todas as suas minúcias, é projectada, no vasto écran que a Exposição representa, para que a vejam os portugueses da Metrópole.

O comércio, a indústria, a agricultura, todas as actividades coloniais estão representadas. São sínteses magníficas, duma eloquência vibrante, duma nobre verdade.

E' todo o esforço português, brilhando através dos mapas, dos gráficos, das legendas. E' o caminho de ferro. E' a fábrica. E' a escola. Um grande mundo em miniatura, a que se pode dar a volta sem sair do certame.

Os indígenas, atracção maior, atracção popular, por excelência, dão a nota exótica. Indumentárias estranhas ou ausência de indumentária... Costumes gentílicos com todo o rigor local. Todos os graus da civilização. Desde o olhar bisonho dos pigmeus do Sul de Angola até ao *dolman* de coronel da segunda linha dum nativo de Timor. Desde a tanga de casa de árvore do genito da Guiné até ao cartão de visita dum negociante macaense.

Ausculte a Exposição que, hoje se inaugura, desde que se deu a primeira martelada, desde que a primeira enxada se cravou na terra. Senti-lhe todas as vibrações, desde que se começou a demolir, desde que se começou a erguer.

Do que se mostra, hoje, ao público, passou-me toda a génese, ante os olhos tocados de emoção, durante os nove meses que tudo isto levou a criar.

O comando enérgico de Henrique Galvão impressionou-me, desde a primeira hora, como me impressionaram o esforço, a dedicação, o entusiasmo dos seus colaboradores, do seu Estado Maior, prolonga-

## GRANDE COLÉGIO UNIVERSAL

AVENIDA DA BOAVISTA, 28  
PORTO  
TELEPHONE, 1519

Visitem o vasto edificio e as suas modelares instalações

Internato, semi-internato e externato  
Cursos primário, liceal e comercial

A nossa divisa: Formar bons cidadãos e bons portugueses



## Companhia das Aguas da Fonte Santa

DE

## MONFORTINHO

HYPOSALINAS, BICARBONATADAS CALCICAS-SODICAS  
GAZO-AZOTADAS E OXIGENADAS, FERRUGINOSAS LITINADAS

MARAVILHOSAS PARA A CURA DE DOENÇAS

PELE -- FIGADO -- RINS -- ESTÔMAGO -- INTESTINOS

Radicaes para a cura das doenças dos climas quentes e suas complicações

Depósito Geral — R. Sá da Bandeira, 237 — PORTO Telephone 4680



mento e complemento da sua acção magnífica.

Artistas, operários, empregados, gente do braço e gente do cérebro, a todos vi passar, desde que o velho Palácio de Cristal começou a transformar-se.

Vi-a nascer, esta Exposição que o público vai olhar, hoje, deslumbrado. Os meus olhos captaram, assim, tódá a essência do milagre que se operou.

E, porque vi desbolinar o longo rôlo que se oferece, hoje, à contemplação de todos, porque senti o latejar progressivo deste vasto coração, habituei-me à certeza de que isto vai triunfar, de que vai conquistar o público, empolgar-lhe os olhos, tocar-lhe o espirito.

Bem sei que não faltarão os mal-dizentes, os cépticos, os defectistas. Que, em presença dum esforço tão alto, tão nobre, tão inteligente, haverá, também,—porquê há, sempre—o sorriso de Machiavel...

Mas, a-pesar-das reticências sibilinas duns, das verrinosas insinuações doutros, a Exposição deve corresponder, estou convencido, ao desejo da maioria dos portugueses.

Dentro dos limites traçados pelas circunstâncias que determinaram a Exposição, era impossível fazer-se mais, fazer-se melhor.

E, ao subir, hoje, no mastro, a Bandeira das Descobertas, *ex-libris* da expansão portuguesa no Mundo, esperemos que o bom Deus de Portugal mande a todos, crentes e descrentes, a certeza de que a Exposição honra e prestigia, uma vez mais, o esforço português.

HUGO ROCHA.

## Pelas nossas Colónias

Sim; é preciso batalhar sem tréguas, e insistir, e lutar: —  
— são Pátria nossa mil sagradas léguas, aquém e além mar!

A História, é necessário acrescentá-la com tesouros que encerra tamanho Império, que ao maior se iguala aquém e além terra!

E, assim, mantendo nós e acrisolando o mesmo ideal profundo, Portugal será sempre um sol brilhando aquém e além mundo!...

BRANCA DE GONTA COLAÇO.

# O 1.º Congresso Militar Colonial

Por iniciativa da 1.ª Região Militar vai realizar-se no Pôrto no fim de Julho próximo o 1.º Congresso Militar Colonial Português.

Será êle mais uma manifestação do interesse que o Exército dedica ao Império Colonial, no qual através dos séculos deixou assinalada em actos de bravura e de ordem administrativa uma obra formidá-

possibilidades de emprêgo das tropas indígenas, etc.

b) Propor modificações a introduzir no armamento, equipamento, fardamento, regime alimentar, etc.

c) Indicar as condições de selecção dos militares que vão servir no ultramar e estâgio dos oficiais nas colónias, bem como ne-

## CONCURSO INTERNACIONAL DE TIRO DA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA

Organizado pela Sociedade de Tiro n.º 43, do Pôrto, sob a alta protecção das Direcções da I Exposição Colonial e da Federação de Tiro Nacional a efectuar no Pôrto de 26 de Agosto a 2 de Setembro de 1934 e no qual poderão tomar parte as *équipes* das nações coloniais europeias: Inglaterra, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Itália e Portugal.

CARREIRA DO TIRO DA SERRA DO PILAR

SECRETARIA — RUA DO CLUB FLUVIAL PORTUENSE n.º 13

PÔRTO

ENDEREÇO TELEG. — ANDRESEN — PORTO

PRÉMIOS INDIVIDUAIS E COLECTIVOS — TAÇAS, OBJECTOS DE ARTE, MEDALHAS DE OIRO, PRATA, BRONZE E "VERMEL"

vel, aquela que mais lustre dá à Nacionalidade portuguesa e constitue a continuação histórica silenciosa e incessante da Epopeia marítima ao longo do tempo.

Terá êsse congresso em vista, essencialmente:

a) Estudar as melhores condições de actuação das tropas metropolitanas no ultramar, constituição das colunas expedicionárias, comandos, graduados, material, valor e

cessidade de difundir mais largamente nos cursos da Escola Militar os conhecimentos sôbre assuntos coloniais.

d) Demonstrar o interesse que merece a classe militar o estado e integração no ritmo da civilização, do nosso Império Colonial.

e) Estreitar os laços de camaradagem entre a família militar.

Esta iniciativa, já aprovada por Sua Ex.ª o Ministro da Guerra, em-

bora possivelmente definindo apenas directrizes orientadoras (dado o facto de ser a primeira no género, e ainda pelo pouco tempo de que se dispõe) será certamente de benéfico alcance militar. Analisar-se-ão alguns erros praticados no decorrer de operações de guerra na África, estudar-se-ão soluções e remédios a vários problemas de grande importância que só é costume estudar e resolver com a corda na garganta e, portanto, com menos felicidade.

A vida e a saúde de milhares de homens, o custo e o êxito de operações militares nas Colónias, a grande distância da Metrópole, não podem estar à mercê de improvisações e descuidos de qualquer ordem.

Num país bem organizado tudo está estudado, organizado, regulamentado e previsto em tempo de paz cuidadosa, meticolosamente.

Temos um Império Colonial vastíssimo, não só a desbravar, a explorar, a civilizar, mas também a defender das ameaças internacionais e de qualquer revolta interna.

Confiar ao acaso a sua defesa, reincidir em erros passados, constitue, a meu ver, um crime de lesa-Pátria.

Eis justificado o entusiasmo com que me dediquei a esta iniciativa e a razão do apoio que procuro para ela obter não só dos Ministérios da Guerra, Colónias e Marinha, mas ainda de todos os oficiais e entidades que à causa militar das Colónias tem dedicado uma parcela do seu esforço.

Sem qualquer espécie de política que não seja a do prestígio da força-armada e do bom nome de Portugal, estou certo de que o 1.º Congresso Militar Colonial será uma grande, uma nobre afirmação de são princípios e um exemplo mais da boa-vontade e patriotismo do Exército de Terra e Mar.

J. SCHIAPPA DE AZEVEDO,  
Comandante da 1.ª Região Militar.

## FOTOGRAFIA ALVÃO

CASA FUNDADA HÁ 32 ANOS

RUA DE SANTA CATARINA 120 — PÔRTO  
TELEPHONE, 1718

Concessionários de todo o serviço de fotografia e venda das mesmas no recinto da I Exposição Colonial Portuguesa

RETRATOS ARTÍSTICOS MODERNOS

Fornecedores de Costumes, Paisagem e Obra de Arte para as Comissões de Turismo de Portugal e estrangeiras.

Colaboradores de várias Revistas nacionais e estrangeiras.

O MAIOR ARQUIVO da Região e Vinhas do Alto Douro.

FOTOGRAFIAS do Comércio, Grande Indústria e Engenharia.

PREMIADA COM: 2 Grandes prix, 3 Medalhas de ouro, 1 Medalha de prata, 1 Prémio de honra, 1 Grande Diploma.

Casa adjunta de todos os artigos fotográficos e acabamentos artístico dos trabalhos dos senhores amadores

RUA DE SANTA CATARINA, 118



## LA UNIÓN Y EL FÉNIX ESPAÑOL

COMPANHIA DE SEGUROS REUNIDOS

Capital Social — Pesetas 12.000.000 efectivas

Fundada em 1884  
e autorizada em Portugal desde de 12 de Junho de 1888

SEGUROS:

Incêndio, Vida e Agrícola

DELEGAÇÃO DO NORIE — Rua de Sá da Bandeira, 230-2.º

LABORDE & COURTEILLES

Telefone 4382 — Telegramas: FÉNIX — PORTO



# Naúla O significado da Exposição Colonial

Nasceu na "casa do branco" onde seus pais trabalhavam.

Era o mimo da D. Margarida e do sr. Vasconcelos que não tinham filhos e achavam muita graça à pretinha de cabelos encarapinhados, dedos de boneca e olhos vivos e irrequietos.

Ali foi crescendo. A D. Margarida ensinou-lhe as suas orações, mostrou-lhe a luz de Deus e foi criando como se ela fosse branca e vivesse na civilização.

Mas um dia, a pobre senhora sucumbiu a uma biliosa. O sr. Vasconcelos regressou à metrópole.

Naúla ficou em África e começou vida diferente.

A's vezes, sentada à porta da cubata ficava a meditar na sua existência passada, tão diversa da que levava hoje.

Foi retrogradando. Deixou a saia e a blusa e adoptou a tanga. Multiplicou os colares. Untou os cabelos e fez inúmeras tranças.

Mas havia coisas fundamentais com que não transigia, e que lhe repugnavam: o batuque, a idolatria dos manipanos, e, sobretudo, aquela troca de íemeas que os pretos faziam entre si como se fosse a cousa mais natural do mundo.

Era já uma mulher. Penetrava-lhe nas veias a seiva forte da natureza africana. Na noite densa irritava-se ao ouvir os rugidos das leões que rondavam e se debatiam, abafava e vinha para fora da palhoça, deitava-se nua, na terra morna, tinha saudades mal sabia já de quê e desejava nem sabia bem o quê...

Quando os pais lhe disseram que devia casar com o Munhe, concordou e deixou-se levar nos braços fortes do rapaz arquejante.

Fôra indiferente para a união. Mas, como um animalito reconhecido e espantado, afeiou-se ao companheiro negro que lhe deram. Teve ciúmes, teve ansiedades, rasgou-se de raiva, chorou de amor e gritou e dedicou-se e tornou-se exclusivista e amante — tal qual uma portuguesainha daqui, apaixonada e vemente.

Munhe, admirado com a sensibilidade nunca encontrada nas outras pretas que a civilização europeia não tocara, deixava-se amar e achava graça ao ímpeto e à lágrima, à demência e à sentimentalidade de Naúla.

Ora um dia, grandes festas se organizaram na sanzala.

Recebia-se a visita dum sobra vizinho que vinha com seu cortejo de

Portugal — varanda corrida, debruçada sobre a imensidade do Atlântico, — os seus naturais, desde as eras mais remotas, que não desfiavam a vista da linha vincadamente azul do horizonte, em constante interrogação, na ansia pertinaz de desvendar o mistério oculto por trás dele. As visitas amidiadas dos barcos dos povos mediterrâneos, que também se consideravam oprimidos, com falta de ar, entre as orlas dos dois continentes, e que também ambicionavam mais largo campo de acção, mais incitou o desejo de sempre, a vontade forte e irreprimível de converter a ideia vaga em factos precisos, consumados.

Simultaneamente a navegação de cabotagens até ao norte de África, a conversa com os árabes do litoral, as narrativas dos cativos alforriados, o conhecimento existente, nítido, entre rifenhos e marroquinos, de que os arenosos desertos se prolongavam a muitos milhares de léguas para o sul, conceito que fica por dizer, criava um espírito de aventura a que nenhum peninsular se exime — um peninsular é quasi umilhão — isto é, um emigrante nato, ave de arribação que precisa variar permanentemente de moradia, de ambiente que satisfaça os vóos da vibrante fantasia, que mitigue a sede de ininterrupta emoção.

Então as caravelas portuguesas — como as deambulatórias andorinhas, como tantas das suas divagadoras congêneres aladas — impelidas

cortezãos e de mulheres, prestar as suas homenagens à tribú amiga.

Grande banquete, danças frenéticas, choques de azagaia, luxúria, música endiabrada.

Tornava-se necessário obsequiar o hóspede que era um velho negro de carapinha branca e dentes limados para melhor trincar a carne crúa.

Para o honrar, Munhe lembrou que os mais novos lhe oferecessem as companheiras para aquela noite. Pronunciou o nome da mulher.

Naúla ouviu as palavras do seu homem, do seu ídolo e ficou gelada de dór e de horror.

O seu Munhe! O seu amor! Oferece-la assim ao velho régulo como

pelas asas brancas, esmaltadas com a cruz de Cristo — tão exiguas e frágeis que o pequeno peixe náutico ainda hoje perpetua na tradição inglesa do *portuguese man of war* quantas façanhas praticaram — voaram sobre todas as latitudes, atingiram todas as longitudes. Regiões inóvias, desconhecidas, das cinco partes do mundo, foram por elas descobertas e dominadas.

Nunca a lenda dos trabalhos de Hércules encontrou mais clamorosa realização. Apoderam-se dos picos das montanhas da imersa Atlântida, escalonadas entre as chamadas Terras Firmes — o extenso rosário de ilhas, gemas no escriptorio azul das águas, desde a Madeira até os rochedos de Fernando Noronha. Ocuparam as Terras de Santa Cruz, flâquearam as compridas faixas de Angola e Moçambique, depois de dobrar o cabo das Tormentas transformado em cabo da Boa Esperança, impuzeram-se aos domínios indianos; intimidaram os mandarins das velhas dinastias chinesas de origem manchú e mongólica; tocaram em cada arquipélago fazendo-se respeitar pelos potentados de maior poder; numa palavra, descreveram, com meios irrisórios e resultados estupendos, a eclíptica gigante citada por Guerra Junqueiro no seu assombroso poema.

Esta expansão inacreditável, se não fosse verdadeira, nasceu império vastíssimo, povoado por criaturas de todas as raças na etnografia

se ela fosse uma pedra ou um animal...

A sua fina pele de setim foi arranhada por intenso arpejo de paixão quebrada e duas lágrimas escaldantes corriam-lhe pelas faces de ébano.

Enlouquecida ao ver-se tão pouco amada, deslisou por entre os grupos que lascivamente bailavam, e afastou-se.

Meteu-se pelo mato dentro.

De longe, vinham estridências lioninas, coleantes serpentes rastejavam na sombra.

Mas ela, em nada reparava.

La pensando na encantadora vida que haviam levado a D. Margarida e o marido, vivendo exclusiva e devotadamente um para o outro... lembrava-se de vagar histórias em que príncipes passavam mártirios para salvar e casar com princesas encantadas... e sabia que na terra do branco há o direito de matar quando se é traído...

Naquêle momento de angústia voltara o passado.

Julgava que tudo tinha esquecido e, afinal, na rajada do seu amor maltratado, tudo surgia, de novo, lancinante e maguado.

Foi andando sempre na noite opaca, a fugir cada vez mais do régulo repugnante e do companheiro ingrato.

De súbito, estalaram fôlhas e um bafo quente lambeu-lhe o corpo. Era uma hiena.

Um grande grito.  
Triturar de ossos e mastigar de carne. Sangue quente a correr.

mundial, com exemplares de todas as categorias no infinito mostruário do Globo.

Do conjunto, do amplexo abrangedor da terra brotou a Exposição Colonial do Pôrto, ideia e oportuna afirmativa de quanto tem efectivado de palpável, de tangível de irrefragável o esforço português espalhando os seus avindos da costa ocidental de África à contra costa da banda Oriental, fundando mercados, estabelecendo feitorias, improvisando certamens com permutas dos generos variados, atraído os indígenas, iniciando uma colonização muito sua em que a catequese precedeu sempre a violência, organizando a feira do Barotze, frequentada pelos vizinhos e dos confins longínquos.

A-par-disto os bandeirantes nas cerradas florestas brasileiras — aventureiros admiráveis pela multiplicidade das aptidões, exploradores, combatentes, mineiros, pesquisadores de diamantes — que possuíam, de certa maneira em ponto pequeno, o que foram em Grande Matias de Albuquerque, como general, e o padre António Vieira na propaganda.

Em Ormuz Freire de Andrade, contra os persas e contra os ingleses, esculpe à ponta da espada páginas excepcionais na excepcional epopeia terrestre e marítima de além-mar. Por toda a parte, consubstanciado no colono, transparecia o soldado como Estêvão da Gama, o marinheiro como Bartolomeu Dias, o pioneiro como Pero da Covilhã, o homem de ciência como Duarte Pereira, o animador como o infante D. Henrique, D. João II e o executante como Vasco da Gama.

Punhado de heróis, que levantam padrões inarcessíveis na costa de Mina, que acentuou o seu esforço em Angola com Corrêa de Sá e continuou com Hermenegildo Capêlo, Roberto Ivens, Serpa Pinto, Silva Pôrto, Anchiello, Nascimento, Henrique de Carvalho, Paiva Couceiro, etc. Em Moçambique o nome de Pereira do Lago, de Mousinho de Albuquerque, de Alfredo Freire de Andrade agrupam-se em outras tantas estrelas de fulgurante constelação. Na China, em Macau, no Japão o rol é tão comprido que não caberia num livro. Na Índia só duas entidades repercutem mais horrores pregões que os tam-tans dos pagodes ou que os carrilhões existentes entre o Kremlin e Moscow e as torres de Maíra: D. Francisco de Almeida, o vencedor dos rumes; e Afonso de Albuquerque, o maior de todos os portugueses. No imenso tapete líquido mosaico de vulcões, de cratera prestes a vomitar lava, na Oceânia, a epopeia nacional refulge um rutilo colar de heroicidades homéricas.

E' tudo isto, e principalmente o que falta evidenciar, que, em páginas abertas a todas as culturas, em demonstrações irrecusáveis, patentes a todos os olhos, rumo grande Bíblia que a todos ensina que se organizou a Exposição Colonial, onde se colecionam todas as certezas, cinema onde passam os filmes de axiomas incontestados, catecismo onde avolumam as virtudes teológicas. A fé que levou os portugueses a tornar real tal lenho, a esperança no futuro da pátria, a caridade com que sempre chamaram a si os povos avassalados.

AURORA JARDIM ARANHA.

EDUARDO DE NORONHA.

## CHAPEUS DE PORTUGAL

Feitos por Portugueses  
para os  
Portugueses do Ultramar

Visite na Nave dos Expositores da Metrópole  
o "Stand" da

**CHAPELARIA BAPTISTA**

Fundada no Pôrto em 1883,

na Rua Formosa, 285



## A Exposição Colonial do Pôrto e as Missões

Pelo que me tem dito e pelo que tenho podido lèr, se eu voltasse agora a Angola, passados vinte anos de ausência, não julgaria encontrar-me na mesma Angola que eu conheci. Dir-se-ia que, ao fim de uma sonolência de uns poucos de séculos, ela expertou finalmente, e se lançou por aí fora a galope.

—Eu pude visitar tôdas as missões da Província, dizia-me há tempos o dr. Alves da Cunha, então vigário capitular da Diocese, entrando num automóvel à porta do Paço e descendo dêle da mesma forma ao regresso.

E numa carta recente contava-me o meu sucessor em Luanda como tinha feito em poucas horas, a rezar o seu breviário num «Ford» ou num «Chevrolet» êsse longo, infinito, crucial caminho — um caminho dos meus pecados — que me levou vinte e dois dias a percorrer num auto-boer desde o planalto da Huila até ao fundo do Cuanhama. A Província está tôda cortada de estradas, que são das melhores do mundo, como dizia ainda há pouco na nossa imprensa um official estrangeiro que conhece bem Angola e o mundo. E, se nos referimos de entrada às estradas, não é porque o progresso de Angola não tenha seguido em todos os seus ramos um ritmo igual, concêntrico, harmonioso, não se hipertrofiando só para um lado e chupando por êsse lado tôda a seiva da árvore; é porque se trata do benéfico, talvez, entre todos, o que mais ajuda as pernas do missionário e mais lhe faz poupar o seu tempo. Quando as almas chamam por êle, é uma pena gritar-lhes de longe: não tenho asas, ainda cá não chegou gasolina, esperai quinze dias! Efectivamente, nesses meus tempos, era preciso contar com a metade do ano, pelo menos, para jornadas e acampamentos. Tôda essa aventura penosa, tôda essa poesia brava dos matos da Africa, tudo isso acabou, felizmente, graças em especial ao sr. Norton de Matos que, segundo dizem, foi o que pegou primeiro na picareta. A acção missionária deve ter duplicado por êsse motivo em tôda a extensão da Província.

Porém, melhor ainda do que as estradas e os automóveis, melhor ainda do que os telégrafos e os telefones, melhor ainda do que todos os avanços e melhoramentos nesta ordem de coisas, mais precioso é ainda para o missionário êste ambiente de simpatia e de respeito pela sua acção que se está a criar ou a fortalecer por tôda a parte (mesmo nos sectores mais adversos ao padre), tão delicada e carinhosamente bafejado ainda agora pela Exposição Colonial do Pôrto, que chamou à representação missionária a sua parte espiritual, como quem diz a sua alma. Sim, está-me a parecer que, hoje, já seria impossível de conceber um caso assim como êste, por exemplo: uma contribuição de arromba sôbre um pedaço de pau em forma de cruz na campã de um missionário que não poupou nem uma gota de suor, nem uma gota de sangue, no árduo e bemfazejo campo do seu ministério; ou então êste: o problema da felicidade, que tem dado tanto que fazer aos filósofos, resolvido pela mais extranha das formas: a felicidade, para mim, era

## Uma obra e um plano de vida nacionais

Não fomos colonizadores por merecimento histórico.

Fomos projectados para fora da faixa continental, que talhamos do Minho ao Algarve, quando verificamos que o determinismo geoclimático do nosso meio geográfico nos forçava a ir buscar fora dela o complemento do nosso *deficit* de subsistências e nos vimos impossibilitados de tentar uma expansão territorial na Península, porque os reinos neogóticos da Castela, do Aragão e da Navarra já tinham tomado fortemente as suas posições.

Passamos ao Norte de Africa. E quando, tomado pelos Reis Católicos o reino mourisco de Granada, começávamos a ser seriamente ameaçados na nossa independência pelo movimento envolvente da unificação das nacionalidades ibéricas, compreendemos que a nossa política internacional era a do caminho do Mar, buscando fora da Ibéria um ponto político de apoio. Assim, fizemos a nossa política naval e atamos a aliança inglesa.

Descendo a costa para fazer de longada o periplo de Africa, chegamos ao Indico. Estabelecemos feitorias e padrões ao longo dos litorais e conseguimos, abrindo o comércio com a Índia, deslocar o eixo do tráfego mundial do Mediterrâneo para o Atlântico. Começava uma Era Nova.

A intuição genial de Albuquerque quis talhar-nos no Oriente um império. Mas opunha-se-nos um obstáculo quási irremovível — a escassez da nossa gente para colonizarmos uma terra onde já havia gente de mais. Conseguiríamos, ao menos,

estar a almoçar, com um charuto na bôca, diante da jaula, onde estivesse preso, como uma fera, um missionário! ou ainda outro, para terminar: uma caçada aos Santos, nas cubatas de uma aldeia cristã! Não obstante serem casos de ontem, parecem no entanto casos de pre-história, tanto se tem avançado em tão pouco tempo! Não foi a nenhum devoto, nem a nenhum *minus habens* que eu ouvi, ainda não há muitos dias, a propósito destas aberrações anacrônicas, o grito da indignação patriótica: quem quiser ser fôssil, que fique para trás!

A Exposição Colonial Portuguesa, debaixo deste ponto de vista que tanto nos interessa se eu assim pudesse dizer, vestiu luvas, gravata e camisa branca.

ARCEBISPO DE OSSIRINCO,  
Superior da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas.

fixar, na península hindustânica, mais um forte reino, com uma população mestiçada e cristianizada; dominaríamos a Arábia e o Mar Vermelho; anteciparíamos porventura de três séculos a obra estupenda da passagem do Mediterrâneo para o Indico, abrindo talvez um canal do Nilo para a costa do Mar Vermelho? Albuquerque assim o concebeu. Mas a grandeza da tarefa exauriu-nos. Quando regressamos da «gloriosa aventura», a nossa pequena grei, que orçava pelos dois milhões, estava minguada a pouco mais de um.

Perdida a Índia e a própria independência, fizemos, depois da Restauração, o nosso segundo Império no Brasil. Diminuído o comércio das especiarias e dos artigos de luxo e pedras preciosas, voltamos à primeira fase da nossa actividade colonizadora. Fomos de novo agricultores, explorando e exportando em larga escala um género rico — o açúcar.

A Costa da Africa, até ali teitoria e ponto de escala para a carreira da Índia, passou a ser um reservatório de mão de obra para as plantações e engenhos do açúcar do Brasil.

Um dia, o sub-solo do nosso Novo Mundo revelou-nos a sua riqueza mineira. Houve rixas e correu o sangue entre *reinois* e *emboabas*. As *bandeiras* ergueram-se e partiram para o sertão em tom de guerra. Mas, o reino inundou-se de ouro, que as «naus dos quintos» periódicamente lhe despejavam. E de novo tivemos um quarto de hora de ostentação e de riqueza. D. João v outra vez deslumbrou a Roma papal como o fizera outr'ora D. Manuel, um opulento *rajah* do Ocidente, luzindo

esplendores na sua embaixada portentosa...

O Brasil emancipou-se. E, embora continuassemos a dar-lhe, décadas em fora, o tributo do nosso melhor sangue, começamos e temos prosseguido, no século XIX e no actual a obra do nosso Terceiro Império Colonial. A mão de obra negra, que antes exportávamos para o Brasil, fixamo-la agora no solo ou exportamo-la para o Rand e procuramos assim a valorização da terra portuguesa de Além-Mar, a entrada do ouro da emigração e o intercâmbio comercial das nossas províncias ultramarinas com o Continente e com o estrangeiro.

Exaltar essa obra já feita e o programa de acção futura, que nos aparece como um verdadeiro plano de vida nacional; mostrar ao Português a alta missão civilizadora da criação dum novo Portugal ou dum novo Brasil; incitar as energias novas pela consagração dos que se dedicaram e queimaram gloriosamente na tarefa colonizadora do nosso Terceiro Império — é uma obra eminentemente patriótica, profundamente portuguesa, porque dá ainda ao pequeno Portugal de hoje a consciência da colaboração numa grande missão de civilização e de valorização humana. Nem por isso ela deixa de ser caracterizadamente nacional; e, como tal, deve enfaixar e disciplinar todos os esforços da Grei, para além das contenções, fixando, mais uma vez, a ideia da eternidade da Raça por sôbre as disputas ou os ódios da contingência histórica.

MARQUES GUEDES.

**ULTRAMAR** é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino officiais e particulares, associações comerciais, agremiações, organismos coloniais, etc.

Fábrica de Conservas Alimentícias

A BOA NOVA

José Rodrigues Serrano

SARDINHAS EM CONSERVA

MARCAS: IDEAL, SERRANO ALSTER, BOA NOVA E ALTA CLASSE

FABRICA E ESCRITORIO:

Rua Heróis de França, 429-451

MATOZINHOS PORTUGAL

Telefone { fone 99-M gramas RESSANO

Códigos { RIBEIRO PARTICULAR



## Portugal, velho fidalgo...

Portugal, fidalgo de velha estirpe amodorrado no seu castelo roqueiro, nas ribas ocidentais da gasta Europa, junto ao Oceano...

Portugal, em tempos idos gran-senhor de muitos teres e haveres, de largas terras dilatando-se por Alé-m-mar, em África, na Etiópia, Pérsia, Arábia e Índia...

Portugal, para quem os seus vassallos — no braço rude e forte o montante onde a fé, mais forte ainda, punha energias sobre-humanas — talharam vastos domínios, converteram ímpias almas...

...deixou-se adornar anos sem fim ao som dolente de cantigas falsas, louváveis, de menestres lisongeiros, de trovadores de lindas falas que lhe entoavam rimances de maravilhoso heroísmo, trovares e rimances estes a adular-no, a narcisá-lo...

...bajuladoramente incensado, ficara-se a sonhar com o que fôra; consentiu que as suas melhores terras — terras de maravilha e de lenda a que o sangue generoso dos seus filhos, jorrando copiosamente, dera a consistência das obras eternas — se mirrassem à mingua de caseiros hábeis; assistiu, sonolento e apático, à desenreada pilhagem que vizinhos rápcas faziam nos seus domínios; ouviu, de sangue dessorado e sensibilidade extinta, chorões de vituperios, aceros de aleivosias, sempre embaído pela toada embaudada dos seus administradores ineptos, dos seus gerentes de espinha curva...

Que importava, pois, que sobre as suas terras privilegiadas soprassem os ventos calcinantes da incúria e da inépcia, se os seus tróves, em gestos burlescamente desprezíveis, o continuavam a adular, vozeando-lhe esteutoramente: Fôste grande!...

Assim, sonhos descuidados se engatavam noutros sonhos apenas interrompidos de ora em quando por alguma voz perdida que, como lebreu dolorosamente desperto, por vezes se levantava em gritos clamorosos ao pressentir nova rapina, nova pilhagem, voz essa que a gualhada dos jograis depressa emudecia entoando o estafado mas ainda eficiente: Fôste grande!

Mas um dia esse velho fidalgo de antiga estirpe acordou da longa modorra que por tanto tempo o fizera dormitar no seu castelo roqueiro, nas ribas ocidentais da gasta Europa, junto ao Oceano...

Pelo seu corpo gasto, cansado — corpo nodoso de velho robe carcomido — começou a circular uma nova seiva, uma milagrosa linfa que, surdindo-lhe das extremidades o foi percorrendo todo, animando todo...

Os seus músculos, há pouco ainda narcotizados, emperrados por longos sonos de incúria e in-consciência, sentiram enrijar as vellias fibras. Uma voz íntima, a princípio balbuciante e depois mais forte, mais clara, mais nítida, começou a segredar-lhe, a ciclar-lhe, em tom cada vez mais convincente: Fôste grande e grande serás, porque ainda o és!...

E o milagre deu-se! De novo a pé, não já o montante erguido nos braços feros — o tempo do montante fôra substituído pelo da caneta dos números — juntou os seus caseiros, fez o balanço das terras que lhe restavam pelo mundo em fora. E viu, maravilhado, que lhe sobrara ainda um grande, um precioso património.

E uma vez a tarefa iniciada, tornadas de novo florescentes e produtivas as terras onde por muito tempo apenas o carrazco e a urze brava cresceram, sentiu o velho anciano em si o enorme orgulho da obra feita e a necessidade imperiosa de mostrar a todos os seus filhos e a alguns vizinhos mais — que os há sempre — o quanto valem ainda essas terras de maravilha.

Nasceu assim a Exposição Colonial!...

Quem escreve estas linhas, levado por deveres profissionais, percorreu de lá a lá quasi tôdas as nossas colónias, das mais próximas, no Atlântico, ás mais extremas, no longínquo Pacífico. Não precisou, através de mares imensos, nos seus contactos com as mais remotas terras, de outra lingua que não fosse a sua para se fazer perceber. Sentiu, maravilhado, a grandeza e o poder de expansão da velha alma lusitana, bastamente atestados por terras de cafraria em padrões de eterna glória. Admirou, de olhos surpresos, inexprugnáveis fortes edificadas em regíões onde o granito mingrava e cuja cantaria, já toda aparelhada, para lá fôra levada da Metrópole pelos galeões, à guisa de lastros. Ouviu, nos seus altos melancólicos pelos serões, mais intensos, à tarde, quando a lua se erguia, velhas lendas indígenas em que o nosso nome entrava sempre como o Sésamo que tudo abria, como a mais mirabolante

## Metrópole forte

As obras de colonização são quasi sempre julgadas pelo prisma dos seus resultados e consideradas mais no seu campo de acção, do que na interferência dos meios e condições das influências metropolitanas.

Por isso não tem sido suficientemente pôsto em relevo o facto indubitável de que a uma grande obra colonial corresponde sempre uma Metrópole forte.

A Fenícia, a Grécia e Roma foram fecundas em colonização quando as respectivas Metrôpoles tinham

sempre tôdas estas forças metropolitanas na formação das actividades colonizadoras.

O valor de algumas substituiu ás vezes a fraqueza de outras, mas tôdas se encontram sempre como elementos dominantes de uma obra de colonização.

Mal avisado andar, pois, quem esquecer, que sem um bom elemento humano se não fazem colónias de povoamento, e que se para as outras se dispensa em parte o elemento quantitativo, há que cuidar com maior atenção o elemento qualita-

tôdas as outras em uma acção grande e profícua.

Assim foi na nossa colonização nos séculos passados, o ideal de Fé e Império, o grande animador da obra portuguesa.

Para nós portugueses há que relembrar estas verdades, pois por mais de uma v.z as esquecemos quando o nosso grande épico nos diz que o esforço dos portugueses, foi além do que permitia a força humana, deu-nos, além da ideia de grandeza desse esforço, um aviso salutar.

O sentimento de justa medida, de equilíbrio, de harmonia que é base de perenidade das obras humanas, o sentido das realidades, nem sempre o possuímos. Entre Sancho e D. Quixote optamos muitas vezes pelo último.

Por isso não está entre nós bem arraigado o sentimento de que a primeira e principal condição para levarmos a bom fim a obra de desenvolvimento e consolidação do Império é fortalecermos a Metrópole.

Cuidemos do elemento demográfico quantitativo e qualitativo, adaptemo-lo à sua missão colonial, e teremos a primeira grande base para uma obra que perdure. Temos a nossa vida financeira bastante sólida, graças ao talento e força de vontade do Sr. Dr. Salazar. Engrandecemos a nossa força económica, o que não é obra de um dia, mas sim de longos estudos que o egoísmo não empane, e de trabalho persistente e fecundo. Enquadremos com prudência e equidade na nossa vida económica a das colónias, dentro dos limites das conveniências mútuas. Lembremo-nos, porém, sempre, que uma Metrópole enfraquecida financeira ou economicamente é pobre arrimo para desenvolver colónias.

Estimulemos na Metrópole a nossa velha intuição colonial e esse espírito de aventura, que sempre acompanha toda a acção colonizadora. Será ainda uma forma de fortalecermos a Metrópole.

Finalmente cultivemos carinhosamente o ideal indispensável para dar uma base espiritual ás realizações coloniais. Busquemos nas nossas tradições aquele que sempre nos dirigiu e amparou. Semeiemos na Metrópole e nas Colónias a Fé e a confiança nos nossos destinos. Que o nosso ideal seja o mesmo de sempre, a civilização dos indígenas, e a integração das colónias no Portugal maior. A Fé e o Império!

A magnífica Exposição Colonial que se vai inaugurar no Pôrto, e que tanta honra faz aos seus organizadores e ao Ministro que a tornou possível, será uma bela lição de ciência colonial e uma obra magnífica de excelente propaganda. Entre as grandes verdades, que ela nos ensina, figura precisamente aquela que serve de tema a este modesto artigo. Para as obras de colonização são indispensáveis Metrôpoles fortes. Essa força é um complexo de ordem, disciplina, abundância demográfica em quantidade e qualidade, suficiência financeira, equilíbrio económico, e impulsos materiais e morais para a obra colonial.

De tudo isto se vê o traço na Exposição, desde a secção histórica até ás salas das actividades coloniais e metropolitanas.

A própria Exposição no seu conjunto é um testemunho impressionante da força da Metrópole. Para quem souber observar será também uma documentação das suas fraque-

## "POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS..."

O' Portugal de antigas caravelas  
Ninho de águias de santos e guerreiros,  
Teus feitos, levantados como estrêlas,  
Te fizeram gigante entre os primeiros!

A's ondas preguntavam altaneiros  
As nuvens avistando as tuas velas:  
— quem eras? Portugal! diziam elas  
De lobos transformados em cordeiros!

Hoje, estrêlas e nuvens, céu distante,  
Conhecem tua Raça triunfante  
que da Cruz e da Fé lhes deu sinal!

Murmuram praias reza o mar profundo:  
Só Deus Omnipotente fez o Mundo,  
Mas quem o descobriu foi Portugal!

Pôrto, Junho de 1934.

MARTA DE MESQUITA DA CÂMARA.

atingido um apogeu de grandeza. O mesmo se pode dizer das Repúblicas italianas e da colonização moderna, iniciada por nós em 1415, e continuada mais tarde, em épocas sucessivas, pelos demais países colonizadores. E, por isso, um erro concentrar em demasia e sem equilíbrio a acção nacional nas obras coloniais, esquecendo que essas obras dependem essencialmente da força metropolitana. Para este feito a força da Metrópole, que é necessário cuidar e robustecer, abrange diversos aspectos, dos quais os mais essenciais são, a capacidade demográfica, suficiência financeira, intuição colonial, espírito de aventura, anseio de melhorias materiais, e um grande ideal, como animador das forças espirituais.

Em grau diferente encontramos

varinha de condão, lendas estas que um dia, se os lasers o permitirem, sairão publicadas em livro. Emfim, constato em si próprio o quanto vale e o quanto representa a palavra português que, para muitos povos nativos, é a única que significa branco.

E', pois, desvanecidamente, que nestas

curtas linhas deixa exarado todo o seu apoio à grandiosa obra que vem de se fazer nesta cidade, obra que, por si só, ficaria a marcar um sólido, um grande passo no já tão auspiciosamente iniciado ressurgimento nacional.

Finalmente um grande ideal, animador das forças espirituais, é o catalisador necessário para fundir

CAMPOS MONTEIRO, FILHO.



sas. São estas que nos devem preocupar.

A nossa situação de grande potência colonial domina a nossa vida externa. E' através esta posição, que tem que ser interpretada a nossa história diplomática, e, é ela bem fecunda em lições e conselhos sobre a necessidade de fortalecer a Metrópole, como único meio seguro das realizações coloniais.

Busquemos atrair as nossas populações para a obra de colonização, mas preparemos-lhe o caminho, que a nossa agricultura, a nossa indústria e o nosso comércio se orientem em direcção ás colónias, mas que o façam com um sentido profundo das realidades. Que a organização das colónias se adapte ás suas condições, sem anticipações funestas, nem atrasos prejudiciais.

E ao chamarmos com a magnífica Exposição do Pôrto as atenções do país inteiro para as obras coloniais, ensinemos-lhe, como primeira verdade que, *para colonizar é preciso uma Metrópole forte*. Cada português saberá assim qual é o seu primeiro dever.

CONDE DE PENHA GARCIA.

## Novo rumo para a propaganda colonial

Nem anécdotas de caça nem mistérios das florestas enormes — zonas de perigo e de rico pitoresco dos costumes indígenas. A mais forte impressão de África que ficou para sempre na minha vida a marcar novos horizontes de consciência, resulta do conhecimento directo do que temos feito em terras distantes com um nobre e alto sentido de Humanidade em proveito das raças inferiores colocadas sob a nossa soberania e em fortalecimento da nossa condição de «constructores de nações».

Assim se formou o meu orgulho de português, em contacto com colonos anónimos, realizando nas paragens suspeitas do interior obra notável de esforço e de sacrificio com miragem no prestígio do país; assim se engrandeceu aos meus olhos a projecção do sentimento patriótico, convivendo com missionários dedicados e heróicos que guardam na humildade do seu sentimento religioso lindas páginas de actividade civilizadora exercida entre riscos e à luz dum clarão interior que ilumina as suas almas tanta vez divinizadas pelo sofrimento; assim se criou no meu espirito a convicção segura das responsabilidades da minha geração que deve ser orientada no entendimento da sua missão colonial em prosseguimento do destino histórico que a nossa gente cumpre em mandato duma civilização superior.

A I Exposição Colonial Portuguesa será uma vigorosa sugestão do nosso Império ultramarino. Abandonam-se as estafadas fórmulas de propaganda colonial, que variavam entre a erudição fatigante e o sentimentalismo dos patriotas românticos.

Vamos ter, tenho a certeza, a expressão das nossas possibilidades, a visão do passado e o cálculo do futuro em clara e larga amostra directa à compreensão popular. E isso constitui um extraordinário serviço à causa do país e um forte incentivo ás novas gerações.

LUIZ TEIXEIRA.

# Reminiscências

Andei pelo Ultramar de 1895 a 1904 e de 1911 a 1913 e não me parece desasado, agora que a Exposição Colonial vai ser aberta ao público, que eu diga a este mesmo público algumas coisas interessantes que por lá vi.

Tive ocasião de observar, então, quanto de bom os nossos melhores administradores ultramarinos por lá fizeram.

Disso, porém, não me occuparei agora.

Pude também certificar-me do enorme prestígio que muitos dos

pelo assunto que inspirara o maestro zambeziano e o levava a pôr em música as brilhantes faanhas do bravo marinheiro.

Quando mais tarde voltei e tornei a voltar a terras da Zambézia, pedi sempre aos machileiros que cantassem em côro, durante a marcha, o *hymno* em honra de João Coutinho. Só tenho pesar de, pela minha ignorância dos mistérios fatais da arte de Beethoven, não ter podido passar à pauta aquela homenagem indígena ao grande português, que tanto ali soube prestigiar-se e pres-

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Henrique Galvão — Palácio da Exposição Colonial — Pôrto.

Ex.<sup>mos</sup> Senhores:

Podem-me V. Ex.<sup>as</sup> meia dúzia de palavras para o número especial do Jornal ULTRAMAR que vai ser dedicado à abertura da Exposição Colonial.

Afigura-se-me difficil dizer numa carta ou num ligeiro artigo o que representa a realização dessa formidável iniciativa, tal é a sua envergadura.

Acotimento notável que não cabe nos limites estreitos do País ou do seu vasto Império Colonial pela repercussão colossal que terá em todos os países coloniais, deve ser olhado por todos os portugueses com a maior simpatia e com a maior admiração.

E, porque tal facto, não é apenas uma afirmação do grau de civilização e da vitalidade de um povo, mas a resultante da politica sã e verdadeiramente nacionalista de um Governo forte, merece o carinho e o apoio de todos aqueles que ao ressurgimento da Pátria teem dado o seu melhor esforço.

Como Governador Civil do Pôrto não posso esconder a minha emoção por ver escolhida a Capital Nortenha, a Metrópole do Trabalho, para essa afirmação de nacionalismo; e, se me fôsse permitido formular um voto, que é quasi uma prece, eu diria a todos os portugueses que visitassem a I Exposição Colonial Portuguesa para aí retemperarem os seus sentimentos patrióticos, o seu amor pelas nossas Colónias e a sua fé nos destinos de um Portugal Maior.

Com os protestos da minha subida consideração, subscrevo-me

De V. Ex.<sup>as</sup> At.<sup>o</sup> adm. e obgd.

HERCULANO JORGE FERREIRA,

Governador Civil do Pôrto.

nossos coloniais conservam entre os indígenas.

A minha sina de vagamundo impenitente e os deveres do meu cargo de então levaram-me por três vezes a percorrer com vagar a Zambézia.

Da primeira vez que lá fui, fiquei agradabilissimamente surpreendido ao ouvir, após alguns minutos de marcha, o grupo dos machileiros entoar em côro um cântico em que a mudo se repetia o nome de *Coutinho*. Pedi a um prêto, que entendia e faltava um pouco o português, a explicação do caso. Disse-me êle que João de Azevedo Coutinho possuía tal prestígio na Zambézia que não havia sanzala, por mais humilde e insignificante que fosse, onde se não cantasse o nome do valente marinheiro.

Senti um justificado orgulho ao verificar a grande fama que aquêl meu velho camarada, contemporâneo e amigo gozara entre os naturais e escutei, enlevado, o canto, não pela beleza da melopeia, que, no entanto, não era desagradável, mas

tigiar o país. A minha retentiva musical, obliterada pelo decorrer de 74 Janeiros, também me não consente poder hoje reproduzir aquêl interessante canto. Seria um documento curioso para a Exposição...

Não é porém somente o nome de João de Azevedo Coutinho que é querido e respeitado em terras africanas. Há mais. Todos nós, os que passamos pela Africa, conhecemos alguns.

Quantos e quantos nomes de modestos mas valentes sertanejos ainda hoje andam na bôca dos indígenas, que os citam pela sua coragem e pelo seu enorme espirito de justiça! Quem me dera poder estampar os nomes de todos esses desconhecidos e dedicados servidores da Pátria, cujo prestígio punham acima de tudo, subordinando-lhe todos os seus actos, de ordem a incutir sempre no ânimo do indígena que o português é justo e bom, distribuindo sempre com equidade e oportunamente o prémio e o castigo.

E este nosso espirito de justiça e de bondade vêem-nos de longe. Já na India o punha em prática o grande Afonso de Albuquerque. Em 28 de Fevereiro de 1510, aboliu êle, na India Portuguesa, o *sati*, que, na India Inglesa, só foi abolido em 1829, por lord William Bentinck, acto que foi, então, celebrado como grande titulo de glória para a administração colonial britânica!

O *sati*, como naturalmente os meus leitores sabem, era uma cerimônia religiosa que consistia em a viúva hindu ser queimada viva na mesma fogueira em que era consumido o cadáver do marido. Se não sabiam, considero-me feliz por lhes ter dado a conhecer qualquer coisa.

Os indígenas respeitam muito, em tôda a Zambézia, o nome português e só o nosso idioma reconhecem como sendo *língua de branco*. E este critério zambeziano impõe-se de tal sorte que os estrangeiros que na Zambézia vão estabelecer-se — e não poucos êles são — começam sempre por aprender português, para se fazerem entender e obedecer pelos seus serviçais, falando-lhes só *língua de branco*.

Quando, em Setembro de 1913, e depois de haver percorrido as regiões de Nhamacarra, Mucuba, as terras do Lômue, o Ille e outras povoações do Alto Molôgûe, em reconhecimento para escolha de traçados ferro-viários, cheguei ao pôsto do Inago, já na fronteira do distrito de Moçambique, resolvi ir até à Namúlia, região montanhosa, de que me haviam falado com entusiasmo e que é na verdade um recanto encantador, maravilhoso, salubre, de clima temperado, onde é possível a propagação da raça branca e que poderá vir a ser um excelente sanatório «uma estação de cura, onde os funcionários europeus possam retemperar-se, durante algum tempo, da longa permanência na zona baixa, geralmente pantanosa e doentia, do litoral.»

Transcrevi palavras de um relatório meu, por que continuo convencido de que a região da Namúlia com os seus montes, de altitudes que vão de 2.000 a 2.700 metros, se pode transformar em uma estação de repouso e de cura, semelhante às de Darjeeling ou de Mahabeshwar, na India, o que seria de grande utilidade para o funcionalismo e traria sensível economia em passagens para a Europa.

A difficuldade era, então como hoje, chegar lá. Só quando se prolongar para o norte o caminho de ferro de Mucuba e se concluir o de Moçambique é que esta aspiração se poderá transformar em realidade.

Na Namúlia há água abundante e de excelente qualidade; vegetação luxuriante; temperaturas que oscilam normalmente entre 12°,5 e 24°,0 centígrados, sendo de 35° a máxima e de 3°,5 a mínima temperatura observada.

Quando lá estive fazia bastante frio e vinha do sul uma aragem cortante que reconfortava...

Que magnífico sanatório se está ali a perder!

Lisboa, 25 de Maio de 1924.

ADRIANO DE SÁ.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## A Pecuária do Império de Além-Mar

Dentre as várias fórmulas de que se pode dispor para destruir a falsa concepção de que Portugal é um país pequeno, temos a pecuária dos nossos domínios de Além-Mar.

Para a nossa demonstração vamos destacar dentre as várias espécies a espécie bovina.

Se encarmos o problema sob o aspecto da superfície vemos que para opor a 89.000 quilómetros quadrados do Portugal Continental temos 2.094.844 quilómetros quadrados do Portugal de Além-Mar, cabendo aquela vinte-e-três vezes e meia dentro destes domínios.

Se passarmos deste expressivo argumento que nos oferece a superfície, para os valores numéricos que a espécie bovina nos apresenta, vemos que para 852.269 cabeças bovinas do Portugal Continental e Ilhas, temos em contra partida 2.177.116 relativas ao conjunto de quasi todas os nossos domínios de Além-Mar, sendo a proporção entre as duas populações bovinas de dois bois do Continente para cinco e meio do Ultramar.

Só Angola apresenta-nos 1.569.849 bovinos e Moçambique 516.757 cabeças desta espécie. A Guiné oferece-nos 78.091 bovinos, elevando-se em Cabo Verde, os exemplares desta espécie, a 10.942, sendo os bovinos de Timor computados em 1.477 cabeças.

E' consolador constatar que o aumento de Pecuária dos nossos domínios de Além-Mar, e dentro desta a espécie bovina, vem aumentando de ano para ano de maneira animadora.

Assim, os 1.733.120 bovinos que Angola manifestava em 1927 elevaram-se gradualmente para 2.376.071 em 1931. Para Moçambique, relativamente também aos arrolamentos destes mesmos anos, a progressão é também manifesta, pois os 722.801 bovinos existentes em 1927, elevaram-se para 1.000.845 em 1931.

Para honra e glória dos serviços Pecuários do Ultramar, os progressivos aumentos que se veem constatando já de longa data, estão intimamente relacionados com a fundação dos Serviços Pecuários e suas sucessivas reorganizações na sua triplíce modalidade — Medicina, Higiene e Zootécnica.

ANTONIO LEBRE,

Delegado Técnico da Secção de Pecuária à I Exposição Colonial.

## Estatísticas Coloniais

E' certo e sabido que toda a colonização deve ser esclarecida pelo conhecimento científico da região e do povo; que este conhecimento deve ser prévio, quando possível, mas, quer o tenha sido quer não, deve sempre acompanhar, numa acção contínua, o esforço colonizador. Só assim é possível ter um plano, ser metódico e organizado. Disto nos temos esquecido bastantes vezes, como tantos outros, nós, os Portugueses. E como o método estatístico é aplicável a todas as ciências, desde as naturais às sociais, na base de todo o conhecimento científico deve estar uma boa orientação estatística. Estatística activa, orientada e orientadora, e não apenas um alinhamento de algarismos, um livro de lançamentos.

E sendo assim, de lamentar é que nesta altura da valorização do nosso Império Colonial, ainda o Sr. Agente Geral das Colónias tenha de afirmar no seu relatório que — das oito colónias portuguesas só duas — Moçambique e Guiné — lhe mandam boas estatísticas.

Foi criada em Dezembro de 1924 a Repartição de Estatística da Colónia Moçambique, para o estudo dos fenómenos demográficos, económicos, morais e sociais, e parece não ter dado má conta do seu recado. Necessário é que os fenómenos demográficos, económicos, morais e sociais das demais colónias portuguesas sejam estudados e para tanto sejam dados a essas colónias meios e incentivos.

«Todos os países adiantados fazem boas estatísticas» — dizia-me um dia alto funcionário de Moçambique. Eu prefiro esta outra fórmula: «Todos os países que fazem boas estatísticas se adiantam e progredem».

ANTÓNIO BARRADAS,

Antigo Director de Estatística da Colónia de Moçambique.

# EXPANSÃO COLONIAL

No prosseguimento do programa de valorização para tirar das Colónias o maior proveito, tendo em atenção, ao mesmo tempo, os interesses dos aborígenes, cujos direitos Portugal sempre escrupulosamente respeitou, é preciso continuar a estudar as possibilidades económicas dos vastos domínios, tanto de Angola como de Moçambique; é preciso delimitar bem os direitos a conferir às populações que os ocupam e estudar a melhor maneira de lhes proporcionar a maior parcela de benefícios tanto morais como materiais; e há que estudar também as condições em que a raça portuguesa, de preferência a elementos estrangeiros, se poderá estabelecer ali, para garantir, naquelas paragens, a continuidade da expansão da raça e assegurar, ao mesmo tempo, a soberania da nação.

A coexistência das duas raças; a delimitação das zonas que cada uma deve ocupar; a maneira de assegurar o apetrechamento económico das novas zonas que se vão abrindo à colonização, branca ou indígena; tudo isto tem de ser objecto de aturado estudo e de demoradas investigações para que a obra de conjunto resulte harmónica e se case bem com a obra já realizada, dando-lhe perfeita continuidade.

As condições actuais de crise intensa e extensa, porque atinge tudo e todos, são eminentemente propícias a estes trabalhos de investigação e de estudo.

Não se trabalha sob a pressão dos acontecimentos que, em épocas de grande actividade económica forçam, por vezes, as soluções.

Agora tudo se pode ponderar; tudo se pode pensar e medir. Mas é preciso não dormir.

As ambições estranhas, mais do que as necessidades próprias, levam-nos a caminhar na vanguarda da valorização económica, para que não surjam pretextos para nova exploração.

Mas é preciso preparar o futuro em bases que nos permitam, ainda e uma vez mais, dar lições aos que queiram arvorar-se em mestres.

A nossa obra actual não recia confrontos. Que o futuro os não recie também em nenhum dos campos, quer no da civilização das raças autóctonas, que em nós somos os mestres; quer na valorização do solo cuja exploração em tão boas condições como os outros sabemos fazer.

Haja em vista a formidável obra da Companhia de Boror que possui hoje a maior e a melhor plantação de coqueiros do mundo; a obra dos açucareiros do Zambéze; a obra dos colonos de Macequece; a obra dos prados da Zambésia, etc., etc.

A obra de valorização económica e de colonização intensiva, já pode caminhar com mais segurança e obedecendo a planos de acção maduramente pensados e estudados em todo o detalhe.

Ninguém corre atrás de nós.

Qualquer das Colónias é transitável em todas as direcções: os pontos mais remotos são francamente acessíveis. As suas possibilidades agrícolas e mineiras podem, pois, ser cuidadosamente investigadas.

O estudo geológico; a triangulação geográfica; o levantamento da carta física; tudo está facilitado com as magníficas redes de estradas que cobrem, completamente, uma e outra colónia.

O estudo das raças indígenas; a investigação dos seus usos e costumes, e das suas tendências étnicas; o estudo das suas aspirações, das suas tendências e das suas necessidades, tudo se realiza hoje com uma facilidade que até há pouco não existia.

Muitas vezes caminhava-se sob a pressão dos acontecimentos.

As revoltas do Sul de Angola. por

exemplo, obrigaram-nos a construir um caminho de ferro de Mossamedes à base da Serra do Chela, para vencer o grande deserto que separa a serra do mar. Foi preciso construir, rapidamente, essa linha, com carácter militar.

Não era, por isso, fácil fazer um estudo de conjunto para se saber se partindo de Pôrto Alexandre, ou mesmo da Baía dos Tigres, o caminho de ferro ia melhor; ou ainda se, tomando para base da linha de operações do Sul da Colónia o planalto de Benguela, se teria obtido mais conveniente solução.

O problema que então se punha era de vencer rapidamente o deserto, onde a «Pedra Grande», com a sua reduzida «cachimba» que recebe e acumula as raras águas das chuvas, é o único oásis que se encontra. E os nossos engenheiros desempenharam-se brilhantemente da missão, sendo até dumha previdência digna de louvor, pois construíram a plataforma para a linha a tres pés e seis polegadas, bitola corrente na África do Sul.

Conviria que o caminho de ferro partisse de outro pórtio? Talvez, Pôrto Alexandre e até preferivelmente a Baía dos Tigres dariam melhor base de penetração do Sul de Angola.

Mas a linha de penetração então estabelecida era a de Mossamedes, servida por carros boers e foi por isso essa que se adoptou e se melhorou.

O caminho de ferro lá está, e depois de ter desempenhado uma função militar, passou a cooperar no desenvolvimento económico do planalto de Huila. Foi, pois, bem aproveitado.

Na ocasião (1905), era preciso caminhar de pressa, e caminhou-se. Era o único objectivo: atinguí-se.

Quando a critica nos vem dizer que a obra tal ou tal tem defeito, podemos em regra responder que nas condições que se apresentavam, quando a obra foi feita, ninguém faria mais nem melhor.

A Rhodesia do Sul, para se ligar ao mar, não pôde, na ocasião, discutir qual o melhor caminho para o fazer. Adoptou um que na ocasião se mostrou o melhor, embora o não fosse de facto.

Hoje é que discute sossegadamente se lhe conviria mais Walfrir Bay, o Lobito, ou os Tigres, etc.

Quando o Nyasaland inglês reconheceu que a via fluvial do Chire e do Zambese lhe não assegurava, convenientemente, as ligações com o mar, resolveu a dificuldade, lançando um caminho de ferro que vai do Chire até à margem do Zambese, no Chindio.

Do outro lado, promoveu também a construção do Trans-Zambéziano até Murraça, ligando os dois troços de caminho de ferro por um transportador fluvial, através do rio.

Era a melhor solução? Não era, evidentemente. Mas foi uma solução que, desde logo, o serviu como se fazia mister.

Essa solução vai agora ser melhorada com a construção da ponte sobre o Zambese, solução que obriga a abandonar muitas dezenas de quilómetros de linha férrea, construída na margem direita do rio, bem como as instalações complementares do Chindio e da Murraça.

O Niassaland podia ser servido talvez melhor e mais economicamente por Pebane ou por Quelimane, ou até mesmo por Moçambique. Mas adoptou a primeira solução que lhe pareceu viável e caminhou. Se esperar pelo melhor, ainda hoje estaria encurralado nas suas fronteiras terrestres, sem ligação fácil com o mar.

Nós quisemos resolver o mesmo problema das comunicações do Chire com o mar por Quelimane, por meio de um cami-

nho de ferro, mas ficamo-nos na contemplação de quatro ou cinco soluções estudadas.

A razão porque não passamos dos estudos, foi porque em boa verdade não chegamos a pôr o problema como êle se apresentava e devia ser encarado.

Para ser de Quelimane a Port Herald, ou a qualquer outro ponto, nas margens do rio Chire, podiam seguir-se inúmeros caminhos.

Mas, certamente, haveria um melhor do que todos os outros. E era esse o que convinha procurar e estudar definitivamente, e só esse. Mas em vez da solução económica, andou-se à volta da melhor solução técnica, a mais barata, e o caminho de ferro nunca se fez.

Uns entendiam que se devia preferir, tanto quanto possível, a linha recta para dar ao caminho de ferro a menor extensão. Encontrava-se na zona atravessada só imbondeiros ou penedias? Pouco importava, porque a missão era só de ligação com o mar. Outros entendiam que devia preferir-se o terreno mais fácil, embora não fosse o caminho mais curto. Outros entendiam que não deviam seguir nem um nem outro caminho, talvez para fazer coisa diferente.

E as soluções iam ao infinito se infinitas fôsem as Missões enviadas.

E não continuaram, talvez porque surgiu, em certa altura, a ideia da limpeza do canal do Mutu, ao qual um ilustre Governador da Zambésia pôs o nome de Canal do Mytho, que acabou por enterrar de vez o problema, tornando viável a solução anti-nacional do Transzambéziano.

Os estudos da ligação de Tete com o mar tem qualqu coisa de lenda que bem pode dar um capítulo mais para as lendas da Zambésia.

Tivesse a primeira Missão científica estudado o problema não só de baixo de ponto de vista técnico, o que fez proficientemente, mas de baixo de ponto de vista económico, justificando amplamente a solução apresentada e as condições do distrito de Quelimane, seriam por certo, hoje, bem diferentes do que são.

Aqui não houve falta de estudos técnicos: pelo contrário, houve superabundância dêles, mas todos orientados, no sentido técnico. Ninguém viu que o Niassaland viria a exigir uma comunicação acelerada com o mar e que a ligação devia fazer-se com um dos portos da Zambésia.

Hoje não temos, nem em Angola nem em Moçambique, problemas que exijam rápida solução. As principais regiões estão servidas por caminhos de ferro; e as magníficas rédes de estradas tornam acessíveis todas as zonas de qualquer das Colónias, onde haja interesses a servir.

Os problemas de uma e outra Colónia, que são muitos, podem e devem ser objecto de atento estudo.

Em primeiro lugar, há que definir e estabelecer as linhas gerais da nova actuação.

Hoje não há liberdade de orientar os problemas coloniais pelos seus méritos intrínsecos.

As ambições estranhas crescem de dia para dia e disfarçam-se nas formas mais discretas.

Por isso a maior valorização das nossas Colónias tem de ser orientada no sentido de uma mais rápida nacionalização.

A sua defesa não a podemos fazer hoje com fortalezas ou com esquadras como outrora. Hoje temos de lançar mão dos portugueses de boa-vontade que vão ocupar a terra e que comprovem com a sua presença que o que ali está é dêles e de Portugal.

Como havemos de atrair esses portugueses para lá?

Gastando dinheiro. E gastando muito dinheiro. E' viável isso para um país de fracos recursos como o nosso? Evidentemente que é.

Mandamos repetidas vezes navios de guerra nossos fazer o cruzeiro de Africa,



gastando com essas viagens e com as «estações» que os navios lá fazem, milhares de contos. Gastamos esse dinheiro, absolutamente improdutivo para o progresso das Colónias, simplesmente para dizermos aos poucos colonos que lá estão, que ainda temos navios de guerra.

Mantemos forças militares, em terra, numerosas, simplesmente para dizermos aos brancos e aos pretos que lá vivem, que temos uma organização militar.

Temos uma Administração bastante luxuosa, embora mal paga, apenas para lhe imprimirmos um ar de grandeza que o progresso da Colónia mal justifica. Com muito menos dinheiro se administravam aqueles domínios.

Pois bem: fazemos todas essas despesas de representação que custam muitos milhares de contos, de boa mente, e não queremos gastar nada com a gente que vai tomar posse da terra, quando está é que há-de fazer as Colónias ricas e prósperas, pelo seu trabalho.

O navio de guerra acabada a estação retira. Da sua passagem, hoje, nem ficam, como outrora ficavam, vestígios na «Torre do Tombo» de Mossamedes.

Cem ou duzentos colonos que prendamos à terra com as suas famílias não gastarão muito mais e ficam perpétuamente a documentar a nossa soberania.

Multiplicar em Angola e multiplicar em Moçambique as povoações de europeus, tornando-as centros de labor intenso, pitorescas no seu aspecto, com a sua Igreja e a sua Escola, é preparar as pedras para o alicerçamento do grande edifício que será o Portugal Maior de Amanhã na sua forma imperialista que a nova orientação Colonial lhe traçou.

A expansão Colonial é hoje a expansão da raça. É a expansão da raça é a posse da terra por quem de alma e coração a cultive e a defesa de ambições estranhas para maior glória de Portugal.

Lisboa-V-1934.

JOÃO A. LOPES GALVÃO,  
Coronel de Engenharia.

## Colonização e ensino médico

Para que os portugueses possam enraizar-se nos nossos vastos domínios ultramarinos, é indispensável um trabalho preparatório, de salubridade do meio em que irão viver. Para ele, e para a profilaxia das doenças epidémicas e assistência médico-social, elementos preponderantes na colonização, é preciso que das escolas médicas saiam profissionais bem preparados. A's Faculdades de Medicina cabe pois uma parte activa, que nem por ser indirecta perde em importância, no conjunto dos esforços a desenvolver para a obra de integração dos domínios coloniais no mundo civilizado, obra que será o maior timbre de glória do Portugal de amanhã.

DR. ALMEIDA GARRETT,  
Prof. Director da Faculdade de Medicina do Porto.

# O GANGISA

(Namôro de pretos)

lanisse mal chegou à puberdade, começou a ser perseguida por Mabuéle que corria atrás dela pelo matagal fora, gritando e aplicando amoroso: «Escolhe-me a mim! Escolhe-me a mim!»

A negrinha, como gazela espavorida, fugia sempre, perturbada, nervosa, esquivando-se ao apelo, caricioso e convidativo de Mabuéle, sem se importar com os espinhos do sertão, insensível aos galhos aceradeos da floresta virgem que lhe rasgavam e ensanguentavam o seu belo e venusto corpo de ébano. Por fim, exausta, emocionada, rebulindo de transpiração e de sangue, deixou-se aprisionar nos braços atléticos do seu apolíneo perseguidor de 16 anos, quem, apesar-da fuga, o seu recondito e instintivo desejo de fêmea juvenil e intacta, há muito já escolhera.

E começou o *gangisa*, uma espécie de namoro libérrimo entre os adolescentes pretos da raça Tonga que fica a perder de vista das liberdades licenciosas dos *firts* norte-americanos...

Sem gradações de luz, escaldante, escura e silenciosa, tomba a noite no continente africano. Velhos, adultos e crianças das povoações indígenas, não lhes bastando o torrido calor tropical, irradiando do solo e da atmosfera, aquecem os membros nús e regelados, nas fogueiras acéssas. Depois, agora um, logo outro, recolhem-se nas palhotas para dormir. Então — ouvem-se ao longe laticos plangentes de hienas, piros faticados de mochos — das primeiras cubatas, edificadas à entrada dos povoados sertanejos e reservados, separadamente, a rapazes e raparigas, começam a sair vultos humanos, misteriosos e negros que, daí a pouco, se reúnem numa só cubata, para na mais crapulosa promiscuidade de sexos, se entregarem à maior devassidão, e ao máximo, impudico e desregrado deboche!

Durante o dia, o *gangisa* continua, porém menos materialista e pagão que o nocturno: casto, idílico, quasi espiritual...

Adolescentes, como lanisse e Mabuéle, voltam a encontrarem-se na horta, que a rapariga cava; junto da lagoa, onde vai buscar água nas cabaças; ou ao longo das emaranhadas veredas gentílicas que ambos percorrem: ela, ajouzada com um cesto de amendoadas à cabeça, éle, de azagaia em punho. Então, entrecidos, olham um para o outro, sem nada dizerem, sentam-se no capim a descansar, ou caminham lentamente, lado a lado, muitas vezes de mãos entrelaçadas, cheios de compostura, de aprumo, de decência.

Pais e *cocuanas* que os avistam, sorriem tolerantes e complacentes, talvez saudosos do tempo do seu *gangisa*...

Uma ou outra velha, mais íntima e descarada, que os vê passar, bonacheirona e previdente, berra à rapariga:

—lanisse, «não percas a cabeça!» — porque se ela a perdesse, consentindo que os estigmas da maternidade se tornassem visíveis, arriscava-se a ser mal vista de ídida. E, Mabuéle, um efebo imberbe, sem ter boia, nem dinheiro com que se comprou mulheres em casamento, seria obrigado a desposar lanisse... Não o fazendo, suscitaria discórdias graves, *mitandos* complicados entre famílias diferentes...

Todavia, a rapariga, chegou ao momento de noivar sem nunca «ter perdido a cabeça...» No seu admirável corpo negro, modelado pela natureza com as mais artísticas simuosidades e exuberâncias fêmenis, desvia-se o ventre liso e os seios erectos e rijos como seixos do Icomati. O futuro marido, já *magaiça*, esperto e experimentado na rudez da vida, regressara há pouco das minas de ouro do Transvaal. A malária reivera-o longos meses no hospital. Esteve para a pretalhada das povoações circunvisinhas, quando da derrocada duma galeria arriera... Mas tranfara das doenças, dos desastres, de anos seguidos de trabalho exaustivo no fundo da terra. Já não era um fraco, um estúpido, um *mubarra*, emfim, como Mabuéle, que nunca saíra da sua aldeia, nem tinha, como éle, um gramofone sem discos, nem um jaquetão sem botões, nem libras suficientes para casar, para comprar mulher... E o *magaiça*, o viajado, o ex-mi-

neiro, acororado ao centro da povoação, sob a frondosa árvore que a sombreava, deixava que o pai de lanisse batesse uma a uma, sôbre uma pedra, as libras sonoras que representavam o seu preço de moçoila forte e sadia, apta a arrancar muito milho da *machumba* e a amamentar muitos filhos robustos...

Duas luas se acenderam e se apagaram no céu: chegou o dia do casamento. Para éle, mataram-se alguns bois e encheram-se, de *sopo* e de *sura*, inúmeras cabaças. De muitas léguas em redor, acorreram parentes e amigos. E começou a boda: batucque estrondoso, bebedeira colossal e colectiva que se prolongou durante dias...

lanisse, a noiva, lembrando-se de Mabuéle, o seu *gangisa* morto, quando podia refugiava-se sózinha na palhota conjugal e punha-se a chorar...

Mabuéle, nostálgico e vencido, partiu sem destino, matagal além, tangendo mo-



notonamente a única corda metálica do seu exótico instrumento de música...

A ambos a dor retalhava o coração, embora sentida de forma diferente: Ela com sentimento, éle com filosofia. Entre os dois nunca nada mais haveria. Passariam um pelo outro, como extranhos. Olhar-se-iam como indiferentes, obedecendo às leis fatais e severas da moral café dos Tongas que, permitindo às solteiras as mais paganzantes liberdades, após o casamento torna sagradas as mulheres casadas.

Dora-avante, lanisse, pertenceria exclusivamente a seu marido. Mabuéle, já quando regressasse das minas de Rand e tivesse bois ou dinheiro com que se comprou mulheres em casamento, por seu turno viria a consorciar-se com outra rapariga que também, entre lágrimas, teria de deixar o seu *gangisa* — quem sabe se com a própria filha mais velha da lanisse?!...

Porto, 2 de Junho de 1934.

LUIZ DE SÁ CARDOSO.

## PORTUGAL MAIOR

Portugal é um grande coração repartido por todo o Mundo.

Do espírito que anima este movimento hão-de nascer posições imortais.

VIRGÍNIA VITORINO.

## Na abertura da Exposição Colonial

Esta hora, transcendente para a Nação, é também uma hora de glória para quantos, «Aquém e Além Mar» trabalharam para «Dilatar a Fé e o Império».

Pela primeira vez, depois de cinco séculos de esforço constante, pode a Nação ver, numa síntese maravilhosa, o que é a obra formidável realizada por todos aqueles Portugueses que à construção do Império dedicaram a sua saúde, e, quantas! a sua vida.

É a história de quinhentos anos de trabalho, de indomável energia, de inquebrantável resistência, de exaltado patriotismo do Povo Português, o que a Exposição Colonial representa; desde o dos Marinheiros das primeiras Caravelas das Descobertas aos tripulantes dos últimos aviões, que levaram até aos confins do Mundo, — por mares — e por ares — nunca dantes navegados» as Quinas, e a Glória, de Portugal; desde o dos Soldados que bravamente batalharam contra as azagaia dos selvagens aos dos que, ainda há pouco, se bateram em África contra as metralhadoras dos civilizados; desde o dos heróicos Missionários que pregaram o Evangelho nas cinco partes do Mundo, ensinando a língua e constituindo, em volta das primeiras humildes Igrejas, as primeiras povoações Portuguesas, aos dos Engenheiros que abriram as modernas estradas e construíram as pontes e os caminhos de ferro, e os portos, e os campos de aviação onde pousam, e donde levantam o vôo, azas com a Cruz de Cristo de Portugal; desde o dos primeiros atrevidos Colonos que levaram para as mais longínquas regiões as primeiras sementes e os primeiros instrumentos de lavoura, até aos habilísimos Operários que produzem os artefactos perfeitos que ali estão à vista de todos nós, Síntese maravilhosa de tudo a Exposição Colonial!

Espectáculo deslumbrante para olhos Portugueses! Certeza consoladora para corações Portugueses!

O Império imenso! O Império glorioso! O Império Português!

Mas, esta hora de glória é também uma hora de justiça!

Para chegarmos ao Triunfo quantas lutas! Quantas amarguras! Quantos sofrimentos! E quantos não ficaram pelo caminho!

Estão marcadas com as ossadas dos nossos Mortos todas as estradas do Mundo!

Nesta hora que é de Triunfo, mas que é também de Justiça, temos de recordar patrioticamente, comovidamente, todos os que antes de nós sonharam com um Portugal Maior e por êsse sonho morreram, legando-nos o Dever de continuar a sonhá-lo...

Podessem Eles ressuscitar agora! Podessem Eles ver o que os nossos olhos estão vendo!

Como não vibrariam de patriótico e exaltado orgulho os seus fortes corações ao ver emfim realizado o seu pensamento magnífico! Ao ver erguido e pujante o Império Português!

E também nós, os que viemos depois de Eles para a luta, os que continuamos, e levamos a cabo a sua Obra formidável, e por ela nos batemos, e nos sacrificamos, e sofremos, poderíamos, nesta hora, transcendente para a Nação, e que é de Glória e que é também de Justiça, encará-los bem de frente, de cabeça levantada, olhos nos olhos, e dizer-lhes, também com patriótico e legítimo orgulho: Cumprimos!

CONDE DE VILAS-BOAS.



## Exposição Colonial Portuguesa

ENSINAMENTO ÚTIL  
E NECESSÁRIO

Vão passados já alguns anos quando, interessado em conhecer mais de perto as possibilidades que algumas das nossas Províncias Ultramarinas, ofereciam como fornecedores de matérias primas indispensáveis à laboração da indústria Metropolitana e as condições e capacidade dos seus mercados consumidores de produtos manufacturados, percorri desde Cabo Verde até Moçambique uma grande parte dos seus vastos territórios.

Pude então, cheio de emoção, apreciar a exuberância das suas imensas terras, o valor da sua população nativa produtora e submissa, os seus estabelecimentos de ensino desde a escola primária e técnicas aos liceus centrais, os bem montados serviços de saúde com os seus Hospitais Modelares, milhares de quilómetros de boas estradas ligando os centros produtores com os mercados de troca, os seus caminhos de ferro e invejáveis portos de mar, o desenvolvimento da sua agricultura e o progresso da sua indústria e do seu comércio.

Diante do que me foi possível observar tive a consciência exacta da grandeza do nosso património ultramarino e do valor que êle de facto representa na economia do país e até na razão de ser da nossa independência política.

Senti que era necessário dar a muitos portugueses uma noção mais justa das imensas possibilidades que as nossas terras pe além-mar encerram e interessá-los a todos na grande obra comum que ainda é preciso realizar para uma maior valorização das suas riquezas.

A Exposição Colonial do Pôrto, inteligentemente organizada, valiosa em documentários e revelações, veio dar plena satisfação a essa necessidade inadiável com o que devemos congratular.

MANUEL CAETANO  
DE OLIVEIRA.

## Das Feiras de Amostras em Luanda e Lourenço Marques à Exposição Colonial do Pôrto

Honrado com o convite para colaborar no número especial do ULTRAMAR, órgão oficial da Exposição Colonial do Pôrto, ocorre-me trazer duas dúzias de linhas recordando o que foram, significaram e valeram as Feiras de Amostras realizadas em 1932 em Angola e Moçambique e às quais a Associação Industrial Portuguesa, apesar de ter em organização o seu grande certame industrial, emprestou toda a sua possível colaboração, pois considero que essas Feiras representaram bem o papel de agentes de intensificação do intercâmbio comercial entre a Metrópole e essas Províncias de Além-Mar. Succede-lhes, com intervalo de dois anos apenas, a Exposição que vai ser inaugurada na Metrópole e que eu, desde já, saúdo com verdadeiro entusiasmo.

Uma vez que na ordem económica o Império português não é por enquanto a perfeita realidade que há de chegar a ser, antes sendo hoje, ainda um objectivo necessário que deve dominar as nossas mais elevadas e nobres preocupações, resulta indiscutível a oportunidade de encaminhar no sentido das realizações práticas e imediatas, todas as iniciativas tendentes a criar a unidade económica de todo Portugal.

Bastará, para nos convenceremos disto, que se atente na percentagem mínima em que o comércio com as nossas duas mais importantes províncias ultramarinas, intervêm no comércio geral da Metrópole, e que explica, um tanto, o grau de incidência de crise mundial na nossa vida económica, pois a triste verdade é que as províncias ultramarinas, como a Metrópole, continuam adquirindo no estrangeiro uma grande parte dos produtos que poderiam comprar nos mercados internos, o que limita as nossas possibilidades de produção, por um lado, e por outro obriga toda a nossa vida comercial a conservar-se na dependência das circunstâncias em que se encontrem as nações fornecedoras. E é quasi lugar comum afirmar a importância que teria para a economia geral da Nação, a fixação dentro dela de todo o dinheiro e de todo o trabalho que custam aquelas compras.

De-certo não será por meio de um irreflectido jôgo de pautas que se poderá atingir bruscamente a pre-

conizada e necessária solidariedade económica; mas sim pela execução metódica e gradual dum plano de realizações consecutivas no qual o Governo tanto se tem empenhado.

Não nos esqueçamos de que a indústria metropolitana tem feito nos últimos anos enormes progressos, e de que hoje está apta já a fornecer a todo o Império a maior parte dos artigos até agora adquiridos no estrangeiro.

Na verdade, depois das Feiras de Amostras em Luanda e Lourenço Marques, ficou nos mercados coloniais a certeza de que a indústria metropolitana conquistou em absoluto o direito de ser preferida em todos os mercados nacionais; como nos industriais da Metrópole que lá foram se enraizou a convicção de que podem encontrar a maior parte dos materiais de que carecem as suas indústrias, nas matérias-primas que lhes forneçam as suas províncias ultramarinas.

A Associação a que me honro de presidir — reconhecido isto pela própria Direcção das Feiras — caprichou, repito, em dar facilidades e auxílio à execução cabal de tão feliz como inteligente e oportuna iniciativa, cujo êxito foi o que era justo que fôsse.

Com a realização das referidas Feiras intensificou-se o estudo que não tem deixado de prosseguir, dos problemas relativos ao intercâmbio comercial em que tenho falado; à produção agrícola, pecuária e industrial das províncias ultramarinas; ao comércio de produção perante os mercados consumidores; às pautas e regimes aduaneiros; à colonização e ao crédito; etc. cabendo aqui justa e merecida referência ao labor então dispendido pelo ilustre, nortenho Sr. Manuel Caetano de Oliveira e pelo meu querido e salido Presidente da Mesa da Assembleia Geral da A. I. P., Cesar da Silva Azevedo.

Reconhecida, então, como mais urgente a necessidade de intensificar-se, cá e lá a propaganda de toda esta patriótica doutrinação, de semelhante facto deve ter nascido a ideia da realização da Exposição Colonial do Pôrto.

Pelo conhecimento que tenho, quer indirecto, por informações publicadas largamente na imprensa, quer directamente pelo que me foi dado presenciar quando recente-

mente estive na capital do Norte, suponho-me autorizado a vaticinar à Exposição um verdadeiro triunfo e dirigir saudações, aplausos e louvores, pelo muito que terão contribuído para esse triunfo, aos seus organizadoras e dirigentes, às colectividades e industriais e comerciais portuenses, à Agência Geral das Colónias e aos governos e administrações coloniais — todos com benemérita capacidade de cooperação e magnífico espírito de sacrifício e por fim, ao Governo da Nação, pelo estudo que tem feito e continua fazendo, dos factores de que depende um intercâmbio sólido e próspero, entre a Metrópole e as Províncias Ultramarinas, estudo que há-de concluir por medidas definitivas que se refiram a crédito e transferências, pautas, fretes, embalagens, conservação de tipos e marcas, rigor na satisfação de encomendas e adaptação dos produtos às exigências dos mercados.

JOSÉ MARIA ALVARES,  
Presidente da Associação Industrial  
Portuguesa.

## Na hora do triunfo!

Estamos em presença de um acontecimento nacional: a Exposição Colonial Portuguesa, em cuja organização o Pôrto quis e soube caprichar.

Afigura-se, à primeira vista, olhando em conjunto o certame grandioso, que nêle colaboraram, com um alto sentido do seu significado, todos os valores interessados na nossa expansão ultramarina, que o mesmo é dizer, na nossa expansão pelo mundo. Assim foi de facto. A Exposição Colonial Portuguesa resultou, positivamente, de um esforço colectivo, que as actividades nortenhas souberam aproveitar e valorizar, com o espírito moderno das grandes realizações práticas. Ela atestará, não apenas o progresso acentuado do Portugal-colonizador — e isto no seu aspecto geral — mas, também, um grande triunfo para o Pôrto, um triunfo que soube conseguir para o País inteiro! Há que registá-lo, dentro do mais elementar critério de justiça.

Como de justiça é não esquecer, na hora festiva do triunfo, os nomes do ministro Armindo Monteiro e do commissário Henrique Galvão, dois valores que se conjugaram admiravelmente, o primeiro orientando com um sentido largo das realidades, o segundo executando com experiência e segurança.

Cabe-lhes um forte quinhão nos louros conquistados. Reconhecê-lo é corresponder, por qualquer forma, ao seu esforço em prol do nome nacional.

MAURÍCIO DE OLIVEIRA.

### JOÃO DE MELLO & C<sup>ª</sup>

DE/PACHOS/ DE EXPORTAÇÃO  
IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM  
R. NOVA DA ALFANDEGA - 67 -  
PÔRTO

DE/PACHANTE/ . AGENTES/  
MARITIMOS/ E INTERNACIONAIS/

CAZA FUNDADA EM 1828  
TELEFONE: 5/CRITÓRIO  
— E SECÇÃO NA ALFANDEGA  
— 75.607/28X

Agentes e commissários de fabricantes e negociantes estrangeiros e nacionais

TELEFONE: LINHA DO ESTADO N.º 57

**ULTRAMAR** tem como Representante  
em Lisboa, o sr. João dos Santos, na  
Avenida Elias Garcia, 77-1.º.



# "GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS — FUNDADA EM 1853

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital autorizado . . . . .	Esc.	5:000.000\$00
Capital emitido e realizado . . . . .	»	1:500.000\$00
Reservas em 30-12-1933 . . . . .	»	22:931.094\$18

A Companhia de Seguros "GARANTIA" é, incontestavelmente, o mais importante organismo segurador no norte do País e do Ultramar.

SEGUROS DE VIDA

SEGUROS DE INCÊNDIO

SEGUROS MARÍTIMOS E FLUVIAIS

SEGUROS DE ACIDENTES NO TRABALHO

SÉDE NO PÔRTO:

RUA FERREIRA BORGES, 37 (Edifício próprio)

DELEGAÇÃO EM LISBOA:

RUA DE S. JULIÃO, 116, esquina da rua Augusta (Edifício próprio)

DELEGAÇÕES EM BRAGA, COIMBRA, VILA REAL E FUNCHAL

Agentes e correspondentes nas principais localidades do continente, ilhas e ULTRAMAR

## ARMAZENS DO NORTE

**Araújo & Pires**

102, Rua das Carmelitas, 106  
**PÔRTO**

Este importante estabelecimento, que tem sempre o melhor sortido do Pôrto, vende durante o tempo da Exposição Colonial, todos os artigos de SEDA, LÃ e ALGODÃO por preços excepcionais.

No próprio interesse de V. Ex.<sup>a</sup> não deve fazer as suas compras sem primeiro verificar as enormes vantagens que oferecemos.

ENVIAM-SE AMOSTRAS PARA TODA A PARTE

## ARMAZENS DO CASTELO

Rua das Carmelitas, 166 — Praça da Universidade, 2 a 20

TELEFONE 2874

**PÔRTO**

Tendo inaugurado no dia 1 de Junho corrente as suas novas instalações com um grandioso sortido de tecidos de lã, seda e algodão, atalhados, colchas, panos brancos, cortinados em todos os géneros, etc., os seus proprietários pedem aos seus estimados Clientes e ao Ex.<sup>mo</sup> Público uma visita para conhecerem as mais altas novidades e os mais baixos preços que aparecem na presente estação, pois todas as fazendas que apresentam são modernas e adquiridas directamente nas fábricas do País e do estrangeiro.

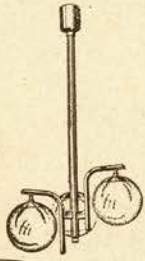
Lãs para vestidos e casacos — Sedas lisas e estampadas — Tecidos de algodão ingleses e suíços — Panos em todas as qualidades e larguras para enxovais — Cortinados em Filé manual, etc. — SEMPRE NOVIDADES.

DURANTE A EXPOSIÇÃO COLONIAL,  
FAZEMOS PREÇOS EXCEPCIONAIS



**ELECTRO-BAZAR****ÂNGELO & IRMÃO** (S. A. R. L.)

355, Rua Sá da Bandeira, 355 — PORTO — Telefone, 4405

**CANDEEIROS!**

PORQUE OS  
VENDEMOS  
BARATOS!...

PORQUE OS  
FABRICAMOS

**Fábrica de rolhas de cortiça**

FUNDADA EM 1894

Premiada nas Exposições do Palácio de Cristal Portuense  
em 1903-1904 e de S. Luis (E. U. A.) 1904

**JOSÉ DIAS COELHO**

CORK MANUFACTURER &amp; EXPORTER

Discos, Quadros, Palmilhas, Aparas, Cortiça Virgem  
e granulado. — Souchons, Disques et Liège

TELEGRAMAS:  
DIAS COELHO — Espinho  
TELEFONE, 72

**ESPINHO**  
(Portugal)

**BANCO DE ANGOLA**

BANGO EMISSOR DA COLÓNIA DE ANGOLA

SEDE em LISBOA: Rua da Prata e Rua do Comércio

Capital . . . . .	Esc.	60.000.000\$00
Fundos de reserva em 31/12/933 . . . . .	»	18.658.352\$10
Reserva monetária em 31/12/933 . . . . .	»	90.772.230\$32
Circulação em Angola em 31/12/933 . . . . .	»	45.493.719\$00
Depósitos em 31/12/933 . . . . .	»	113.426.522\$67

**DEPENDÊNCIAS:**FILIAL em: **LUANDA****AGÊNCIAS em:**

BENGUELA — CABINDA — LOBITO — MALANGE  
— MOSSÂMEDES — NOVA LISBOA — NOVO RE-  
DONDO — SÁ DA BANDEIRA — SANTO ANTÓNIO  
DO ZAIRE — VILA LUSO — VILA SILVA PÓRTO  
— BOMA (CONGO BELGA)

Desconto	Depósitos à ordem e a prazo em Lisboa:
Empréstimos Cauçionados	<b>A ORDEM:</b>
Transferências de Fundos	até 500 contos . . . . . 2,25 %
Cobranças	acima de 500 contos. . . . . 1 %
Administração de Propriedades	<b>A PRAZO:</b>
Consignações	a prazo de 3 meses. . . . . 3 %
etc., etc.	» 6 . . . . . 4 %
	» 1 ano . . . . . 5 %

**CORRESPONDENTES:**

Em tôdas as Colónias Portuguesas, nas mais impor-  
tantes Colónias Estrangeiras e nos principais países.

**Streets, Limitada**

Tubagens e acessórios galvanizados e pretos

Tubos de aço tipo Mannesmann  
Bombas para todos os fins e de todos os  
tipos

Motores "Lister" a gasolina, petróleo e  
óleo "Diesel"

Máquinas Agrícolas e Industriais  
Aquecimento-Central e Frigoríficos

Ascensores e Monta-cargas

Acessórios para Automóveis

Velas de ignição K L G

Exportação para Africa de Bombas, tuba-  
gens, etc.

Rua Sá da Bandeira, 84

**PORTO**

Tel. P B X: 720 e 6336 ♦ Telegramas "Electro"

**Erdgold (Ouro da Terra)****A BATATA DE SEMENTE DE QUALIDADE SUPREMA DA P. S. G.**

As maiores produções nunca até agora igualladas por variedade alguma. — Semente ori-  
ginária e imune refratária à verruga negra. — Excelência de paladar e longa conservação.

**Erdgold (Ouro da Terra)**

É incontestavelmente a melhor semente. — **Certifiquem-se da sua absoluta  
superioridade experimentando-a.** — Importação directa das melhores sementes,  
originárias e imunes da P. S. G. a poderosa Companhia cultivadora da **ERD GOLD:**  
**Flava, Paul Wagner, Berlichingen,** e das mais reputadas variedades: Alemãs,  
Belgas, Francesas, Holandesas, Inglesas e Irlandesas.

**ADUBOS MIXTOS Triunfante ADUBOS ELEMENTARES**

**Erdgold A MELHOR SEMENTE Triunfante O MELHOR ADUBO**

Peçam tabelas e informações a

**José Ferreira Botelho**

R. Mousinho da Silveira, 140-1.º

Telefone, 4160

**PÓRTO**

R. Jardim do Tabaco, 29-31

Telefone, 20462

**LISBOA**



# TRABALHOS TIPOGRAFICOS



executam-se com  
a máxima perfei-  
ção nas oficinas  
da

**IMPRESA  
PORTUGUESA**



TELEFONE  
1 4 6 6

Edifício da «Imprensa Portuguesa»

Rua Formosa, 108-116

**PORTO**

## Casino da Póvoa

Visitai o maior e melhor casino  
de Portugal e Península

◀ ZONA DE JOGO E TURISMO ▶

Restaurante e Bar (permanente)

Jantares concertos  
e chás dançantes

Orquestra composta por distintos professores sob  
a direcção do notável

violinista **VEIRA PINTO**

A 30 minutos do Pôrto

SERVIDA POR ÓPTIMAS ESTRADAS EM AUTO-CARS  
E CAMINHO DE FERRO

**ATENÇÃO:** Os auto-cars da noite passam ao PALÁCIO

Horário — 20,45 — 21,15 — 21,45 e 22,15

## Aos Srs. Visitantes



Chamamos a aten-  
ção de V. Ex.ª que,  
durante a Exposição  
Colonial, vendemos  
**Fatos prontos a vestir**

de boas e lindas  
casimiras aos pre-  
ços de 175, 185, e 200\$00!!

Execução garantida,  
com duas provas, em 24 horas.

**ARMAZENS DO POVO** Ruas Formosa e Alexandre Braga  
**PÔRTO**  
(Torreão do Bolhão)

## Exposição Colonial do Porto



documentário do progresso  
e grandesa do

## Império Colonial Português

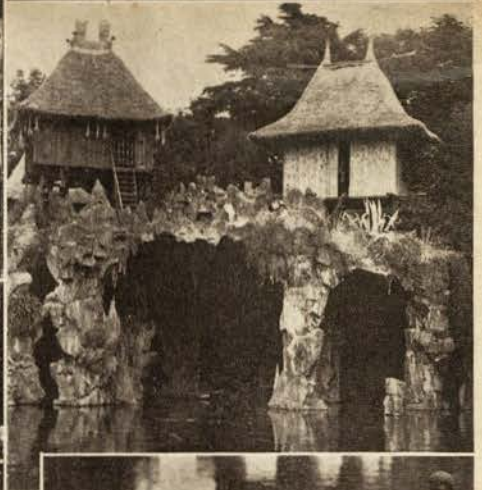
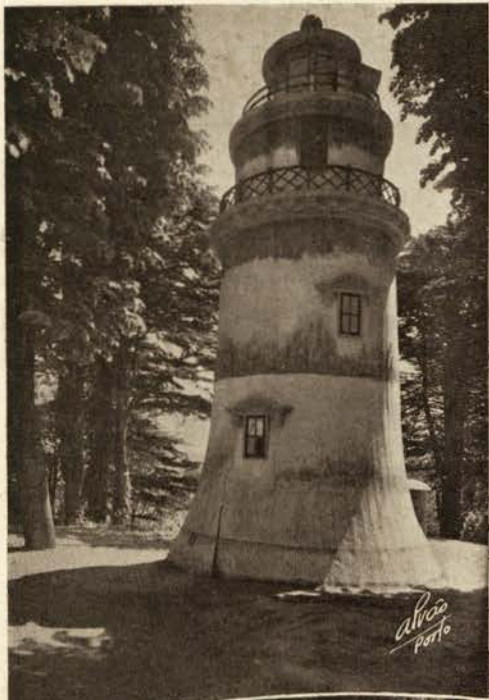
Conserve-o em fotografias com  
o vosso

«Kodak»



Este é um anúncio da KODAK Ltd. — Rua Garrett, 33 — LISBOA





REPRODUÇÃO DE VÁRIOS ASPECTOS DO CERTAME: Em cima — O Farol da Guia, reconstituição do mesmo existente em Nova Góá, e um landim junto da Bandeira das Descobertas, que tremulará durante a Exposição no pequeno castelo do bosque do Palácio. A seguir — Trecho da aldeia da Guiné; detalhe da aldeia de Timor; uma mulher de Balanta; o Arco dos Vizo-Reis, que fica na Avenida da Índia, e um «dongo», no grande lago do Palácio, com dois indígenas de Bijagoz.

(Clichês ALVÃO e PLATÃO MENDES. Gravuras executadas nas Oficinas de O PRIMEIRO DE JANEIRO).